

Revolução

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS



o da esquerda



o do meio



o da direita

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

e a actualidade nacional

Porta-Voz do PARTIDO
 REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



Revolução

MANIFESTAÇÕES NO 1.º DE MAIO

1.º DE MAIO EM AMARANTE

Realizou-se no sábado, 1.º de Maio, uma jornada de luta pelo poder popular, com teatro e canto livre. No final, realizou-se uma manifestação com cerca de 1500 pessoas. Estiveram presentes camponeses de Gatão com dois tractores motorizados. A manifestação decorreu com grande participação nas palavras de ordem gritadas por parte de todas as pessoas que dela faziam parte. No final houve duas intervenções: uma de um camarada de Nevogilde e outra de um operário da LCI que fez uma intervenção nitidamente partidária o que levou a que pessoas que estavam na concentração se desmobilizassem. Para a discussão desta manobra, foi convocada uma reunião da Comissão 1.º de Maio. A manifestação foi convocada por comissões de moradores e trabalhadores e

teve palavras de ordem de apoio ao Poder Popular, tendo sido aprovada uma moção de apoio ao Poder Popular.

MANIFESTAÇÃO EM BARCELOS

Com a presença de 2000 pessoas, convocadas pelo Sindicato Textil e apoiada pelo PRP, MES, UDP e PCP, realizou-se no 1.º de Maio uma manifestação em Barcelos.

Deram ainda o seu apoio o Sindicato da Construção Civil, Comissão de Moradores do Bairro 1.º de Maio, Comissão de Moradores do Bairro da Misericórdia, Comissões Sindicais de várias fábricas, vários delegados sindicais, Companhia Editora do Minho, etc.

No final da manifestação, foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o actual momento político se caracteriza por uma ofensiva das forças de direita e fascistas, na

tentativa de recuperar as conquistas alcançadas pelos trabalhadores nestes dois anos de gloriosas lutas, sendo exemplo claro disto as sabotagens económicas feitas pelas empresas multinacionais, a libertação massiva dos pides, o apoio das associações fascistas que pretendem enganar os trabalhadores como a CAP e a CIP, que estão inequivocamente ao lado do imperialismo americano e que mais não pretendem que restaurar a ditadura fascista.

Considerando a necessidade de combater este avanço de forma firme e por meio de uma acção enérgica e popular que não concilie com o fascismo, nomeadamente no campo das eleições para a Presidência da República.

Considerando, ainda, a necessidade que os trabalhadores têm de lutar contra o aumento do custo de vida, contra o desemprego, contra a miséria, contra o terroris-

mo que já começou a causar prejuízos materiais e que passou a querer o sangue de antifascistas, luta que tem que ter como objectivo o fim da exploração capitalista.

Os trabalhadores presentes na manifestação do 1.º de Maio em Barcelos, declaram:

Apoiar a candidatura de um antifascista consequente, que sempre tenha estado ao lado das

lutas dos trabalhadores, que seja um firme combatente contra o imperialismo e o capitalismo.

Apoiar um programa revolucionário que defenda as conquistas alcançadas e aponte na via da ofensiva e organização populares contra o fascismo, o imperialismo, pelo fim da exploração capitalista, que desenvolva as organizações populares como comissões de moradores e trabalhadores, que defenda a Reforma Agrária que seja, no fundo, o programa capaz de unir as classes exploradas contra o fascismo, contra o capital, por uma sociedade nova, sem explorados e sem exploradores.

LISTA DE CONTRIBUINTES DO "REVOLUÇÃO"

U.M.G.C. — Águeda	300\$00	Trabalhador da Carris	100\$00
Núcleo Olhão — Olhão	200\$00	International Socialist (Americana)	14 000\$00
Anónimo — Figueira da Foz	100\$00	Portugal Solidaritet (Dinamarca)	300\$00
A.S.B. — Lisboa	100\$00	Uma revolucionária americana	200\$00
F.G.G. — Lisboa	500\$00	U.C. — Aveiro	300\$00
M.C.S.G.F. — Lisboa	100\$00	E.M.P.B. — Alverca	300\$00
M.N.U.S. — Stobal	50\$00	A.L.M.J. — Coimbra	50\$00
Terceiro Mundo — Lisboa	100\$00	wa.M.U.L. — Loures	20\$00
A. T. — Lisboa	250\$00	U.C. — Aveiro	300\$00
J. E. — Covilhã	700\$00	E.P.B. — Alverca	300\$00
M.M.R. — Baixa da Banheira	200\$00	Francisco — Lisboa	50\$00
M. S.C. — Lisboa	120\$00	A.L.M.J. — Coimbra	50\$00
O.L.S. — Lisboa	1000\$00	A.J.S. — Camedez de Ançães	200\$00
C.N. — Valadares	220\$00	MARQUEL — Vila das Aves	100\$00
14 simpatizantes de Ovar	620\$00	G.S. — Vila do Conde	100\$00
J.P.S.G. — Porto	220\$00	Avelino — Lisboa	1000\$00
Anónima — Lisboa	50\$00	F.E.M.C. — Porto	100\$00
Anónima — Paredes	2000\$00		
A. F. — Lisboa	100\$00		

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
 MORADA
 LOCALIDADE
 PROFISSÃO

ASSINATURA: Semestral 90\$00
 Anual 180\$00

Estrangeiro

ASSINATURA: Semestral 300\$00
 Anual 600\$00

PAGAMENTO: Em cheque
 Em vale

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
 Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
 Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE
 Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso, de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 18.30 às 24 horas.

ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas.

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110
 Tel. 315759/315786
 MATOSINHOS — Rua Conde de S. Sai-
 vador, 374
 Telefone: 931925

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queiroz, nº 33
 MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 65
 ARGEA — Tel. 92169

ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, nº 40
 ALGÉS — Rua Vitor Duarte Pedroso, n.º 15 — Algés de Cima
 Tel. 2100337
 PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade 1 Tel. 2476142

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Rua Jorge de Sousa (Colegio Frei Agostinho da Cruz)
 BARREIRO — Rua dr. Eusebio Leão, nº 31 Tel. 2076745
 LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, nº 12

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, nº 21 Tel. 24998
 BEJA — Rua Alexandre Herculano, nº 29 Tel. 24594

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Teixeira Guedes, 35
 LOULÉ — Av. José da Costa Mea-
 lha, nº 39-1.º Tel. 63043
 PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

SEGURO FEITO A SPÍNOLA

No dia 19-4-76 dois elementos da Comissão de Trabalhadores do Grupo Segurador MSA e um representante da Direcção do Sindicato avistaram-se com o major Sousa Afonso, chefe do gabinete do Conselheiro da Revolução Sousa e Castro, ao qual entregaram a seguinte exposição:

«... Comissão de Trabalhadores do Grupo Segurador MSA

— Seguro efectuado a António Sebastião Ribeiro de Spínola.

1 — No dia 5-4-76 é recebido nos Serviços Comerciais, cerca das 10 h, um telefonema, da Delegação de Elvas, em que o sr. Rogério Machado (n/Delegado) comunica um seguro de automóveis, provisório, em nome de António Sebastião Ribeiro de Spínola, em que é indicada a morada Av. D. Sancho Manuel, n.º 41-Bairro de St.ª Luzia-Elvas.

2 — Nesse mesmo telefonema é pedido que seja passada uma Carta Verde, por três meses, para toda a Europa, pois nesse mesmo dia alguém do Exército (oficiais ou apenas um) viria à companhia buscar a referida Carta;

3 — O carro tem a matrícula IF-57-64, Volvo, de 1959. A responsabilidade civil é ilimitada, dá cobertura a passageiros transportados e não cobre danos próprios;

4 — Os serviços comerciais efectuam várias diligências para que o seguro seja aceite. A secção de Automóveis, na pessoa do seu chefe sr. Rui Costa, afirma que não passará a Carta Verde sem a autorização do Conselho de Gestão. Este, depois de consultado pelo colega que tratava do assunto, autoriza a passagem da Carta Verde e por conseguinte a aceitação do seguro, com um visto do sr. Albino Nunes, depois de troca de impressões com outro elemento do CG o sr. Leopoldo Ribeiro (por sinal responsável pelo Ramo antes de pertencer ao referido Con-

selho);

5 — Da parte da tarde aparece um indivíduo que diz vir da parte do sr. Rogério Machado e vem para levar a Carta Verde o que vem a acontecer;

6 — No dia 9-4-76 dá entrada uma proposta definitiva acompanhada dum carta do delegado de Elvas confirmando o telefonema do dia 5 em que é acrescentado que a Carta Verde, depois dos três meses, ficará permanente para Espanha. A proposta é assinada por uma assinatura ilegível;

7 — Contactado o sr. Rogério Machado este afirma que quem assi-

nara a proposta é o capitão de Cavalaria sr. João Soares de Sá e Almeida (seu amigo de infância) que tem procuração reconhecida pelo notário, para representar o ex-general Spínola. Afirma também que o referido capitão indicou que quem viria à Companhia buscar a Carta Verde seria um tal tenente Fernandes, não se sabendo se o tal indivíduo que a veio buscar seria ou não oficial do Exército, pois vinha à civil e, claro, não se identificou;

8 — No dia 13/4/76 o Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul, é posto ao corrente do assunto e das preocupações que assistem à CTrabalhadores;

9 — No dia 14/4/76 dois elementos da CT e um do Sindicato tentam avistar-se com o Conselho da Revolução o que não conseguem, pois havia, segundo os serviços de recepção, impossibilidade absoluta, ficando o sr. capitão Sousa e Castro informado do que se passa;

LIBERTAÇÃO DOS PIDES

A libertação dos PIDES é uma vocação aos trabalhadores e aos revolucionários portugueses.

E não só a sua situação de impunidade como o trabalho que de certeza estão a praticar na organização de redes fascistas para esmagar os trabalhadores e as suas organizações de classe que eles tanto odeiam.

Não são só aqueles que os libertam agora que são os responsáveis, são também os reformistas que impediram o julgamento desses carrascos dos trabalhadores e revolucionários portugueses. Quem ainda não se lembra de um comício do PC as suas bases terem gritado pelo fuzilamento dos PIDES e o trabalho que Álvaro Cunhal teve para os convencer que não podia ser. E ele (direcção do PC) também um dos responsáveis pois tentou refrear os trabalhadores que queriam exercer justiça revolucionária.

O director dos Serviços Prisionais Militares, coronel Gaspar de Melo, no dia 28-4-76 afirmou em conferência de Imprensa que só há 60 PIDES presos (antes estavam 1400), que os outros se encontram em liberdade condicional e quando lhe foi perguntado se os PIDES se apresentavam todas as semanas ele disse que alguns falha-

vam, mas «ao fim e ao cabo apresentam-se ao fim de 2 semanas... Posso afirmar que as faltas de apresentação são mínimas». A pergunta «esses PIDES encontram-se todos cá?» — respondeu: «Não. Alguns estão no estrangeiro. Já de lá nos escreveram a pedir desculpa, mas, dizem eles, tinham de ganhar a vida».

E a maneira como eles «ganham a vida», sabem-nos os trabalhadores muito bem, como também sabem o que eles andam a fazer cá fora: a preparar o regresso do fascismo.

Raul Rego, no editorial do jornal «A Luta» de 4-5-76 escreve a propósito da libertação dos PIDES, que pelos vistos não lhe está a agradar muito, «Não se está a ir longe de mais no alargamento da malhas de segurança?»

Pois está, mas foi o próprio Mário Soares um dos que as ajudou a abrir. No debate entre Álvaro Cunhal e Mário Soares na TV, antes do 25 de Novembro, a posição da Mário Soares era a de que não se podia ter os PIDES presos mais tempo sem julgamento.

A libertação dos PIDES é um dos projectos da burguesia, não podia deixar de ser Os PIDES foram e são os seus melhores lacaios.

NOTAS BREVES

MEDO QUE A BURGUESIA TEM DO PODER POPULAR

O que a burguesia não admite, sabem-no muito bem os trabalhadores, é perder os seus privilégios de classe, é perder o poder. De resto, consoante a situação económica, social e política assim organiza o seu poder, permitindo ou não as liberdades burguesas — mas nunca que os trabalhadores se organizem para a tomada e exercício do seu poder de classe.

É um facto histórico que isto se passa assim e, só os reaccionários, os oportunistas o pretendem negar. Por isso, não é de estranhar que Pires Veloso, em entrevista ao jornal «O Século» de 27-4-76 afirma que às comissões de moradores e de trabalhadores lhes cabem várias tarefas tais como: consciencialização do povo para as árduas tarefas de reconstrução do País; trabalho, civismo, respeito pela opinião dos outros, convergência de esforços nas realizações locais de interesse colectivo e até, porque não, uma crítica severa e construtiva aos actos da administração local.

Mas, e como se costuma dizer, não há bela sem senão, o sr. brigadeiro Pires Veloso com o que não concorda é que «esses organismos constituam hierarquias paralelas do poder, pretendendo tomar decisões que competem aos diversos órgãos do poder previstos na Constituição» e não é para menos.

Que se faça mesmo «críticas severas mas construtivas» ainda a burguesia tolera, até porque tem remédio: a repressão; agora que se organize o poder dos trabalhadores, isso é que não. Lá iam eles perder os seus lucros, os seus ócios, as suas dividas de oficiais burguesas conquistadas à custa do «suor» de tantos anos a explorar os trabalhadores?

OS FASCISTAS PÔEM BOMBAS A IMPRENSA BURGUESA É COBERTURA

No madrugada do 1.º de Maio, os fascistas praticaram mais um atentado bombista. O objectivo seria a sede do PCP.

O terror fascista é uma das respostas da burguesia à luta dos trabalhadores.

A imprensa burguesa escamoteia os factos, deturpando a realidade, dá-lhes cobertura, não fossem da mesma classe.

O editorial do «Jornal Novo» de 4-5-76 é um exemplo disso. Quando afirma acerca da violência: «A quem serve, também não se nos afigura difícil: às forças totalitárias que pretendem provar a inviabilidade, neste País, de outra coisa que não seja a ditadura»;

Como são reaccionários e ignorantes! Que sistema político existe que não seja a ditadura de uma classe sobre outra classe, sem ser o comunismo o qual para se atingir, tem que se passar pelo estado dos operários — a ditadura do proletariado? O que são as «forças totalitárias»?

Isto é um bom exemplo de tentar misturar violência revolucionária com violência reaccionária que serve à burguesia para: por um lado dar cobertura a uma violência reaccionária, por outro pretendendo atar os trabalhadores na trama do pacífico, da legalidade burguesa para impor a sua ditadura de classe.

COM QUEM ANDA A FAZER ALIANÇAS O PCP

Em entrevista a «A Capital» de 3-5-76, Abóim Inglês quando lhe é perguntado se «pretende dizer que o PS é um partido comandado do exterior?» afirma: «Eu não disse isso. Eu não disse isso, mas é evidente e bem claro... Aliás, o próprio PS faz alarde do apoio que tem. Podemos perguntar, por exemplo, qual é o peso dos votos de alguns chefes sociais-democratas e não só nas dificuldades invocadas pelos dirigentes socialistas para dizerem «não» a uma aliança com os comunistas.

Então é com partidos assim que o PCP quer fazer alianças? Nessa aliança onde estará defendida a independência nacional se até o PS é comandado do exterior? E porque não pôr claramente que «os apoios» que o PS tem são do capitalismo europeu, são do imperialismo?

A «maioria de esquerda» de que o PCP tanto fala é a aliança entre o PC e um partido que embora não sendo fascista é comandado pelo imperialismo e portanto é a manutenção da sociedade capitalista, da exploração, da opressão, mesmo com o melhor falo «democrático».



A BOMBA NA SEDE DO PCP

Restos do Mini, que foi destruído na Avenida da Liberdade pela bomba colocada junto às instalações do PC. A potência desta bomba e a indiferença dos seus autores em relação ao facto de matarem pessoas, é um sinal evidente da actual táctica da direita — sabotagens, atentados, serão uma arma de que necessitam durante este período em que procuram condições para fazer um golpe de direita

dos leitores

A VIRAGEM À DIREITA DA ESTRATÉGIA DA UDP

Com pedido de publicação, recebemos do camarada E S o seguinte artigo, que publicamos por considerarmos oportunas algumas das críticas feitas às posições que tem vindo a ser assumidas pela UDP:

É um facto incontestável que as táticas da UDP sofreram uma significativa alteração nos últimos meses, o que está ligado à própria alteração da estratégia

Para uns, trata-se de trazer para o seio dos revolucionários largas camadas da pequena burguesia (para o que é necessário recuarem ao seu nível de politização e consciência de classe); segundo outros, trata-se de uma efectiva viragem à direita que, sob a real necessidade de se alargar a base social de apoio, afastaria a UDP de uma consequente luta anticapitalista e anti-imperialista

Porque a correlação entre a base social de apoio à revolução e a respectiva vanguarda revolucionária e anticapitalista é um problema que se sente em Portugal e do qual resulta, por incompreensão política, a estratégia da UDP. É importante pensar sobre algumas das posições que a UDP tem tomado e defendido ultimamente

AS LIBERDADES E AS ELEIÇÕES BURGUESAS

Em entrevista ao jornal «A Luta» de 27-4-76, Afonso Dias afirma: «De entre os males menores existentes, pensa (a UDP) que Mário Soares deve assumir as responsabilidades de constituir governo sozinho, consoante o compromisso assumido perante o povo que elegeu os deputados do seu partido». Esta afirmação reflecte bem a viragem à direita na estratégia da UDP, posição que em muito se assemelha com a dos grupos trotskistas. Não demonstrando claramente o significado das eleições burguesas e não as pondo em causa frontalmente, não pode por em causa o seu resultado e por isso escamoteia todo o papel da ideologia dominante (burguesa) sobre os trabalhadores.

O problema das liberdades e das eleições burguesas (a legitimação de um poder burgues por intermédio do voto carregado de ilusões, falsas promessas e séculos de dominação de classe) é escamoteado pela UDP que, assim, legitima as eleições como se elas pudessem, de facto, exprimir o querer dos trabalhadores.

Para os trabalhadores e os revolucionários não é indiferente que haja um poder fascista ou um poder social-democrata, - mas na actual situação económica, social e política, exigir que o PS cumpra as suas promessas é exigir que a social-democracia esteja no poder, é não perceber que isto é mais um passo para o fascismo.

Independentemente deste problema de análise da situação concreta (que é fundamental) há que perceber o que significa este não desmascaramento das eleições burguesas que, como todas elas, são um meio que a burguesia usa para reforçar o seu poder e a falsidade dos seus resultados.

O facto deste problema não ser claro para os sectores recuados dos trabalhadores não é motivo para que não seja clarificado pelos revolucionários. É também desta forma que se põe o problema da captação de sectores da pequena burguesia para o lado do projecto dos trabalhadores.

Recuar para captar os sectores da pequena burguesia é cair num grave erro (o mesmo que tem sido cometido

pela direcção do PCP). E não perceber que ela só será captada com o avanço dos trabalhadores, o qual a fará optar entre ser proletariado explorado pela burguesia ou proletariado em sistema socialista. Quanto mais o fascismo avança, mais ela se encolhe e luta pela manutenção dos seus privilégios de classe...

Esperar pela recuperação da pequena burguesia é também, na actual situação política, recuar com o projecto do poder para os trabalhadores, não dando alternativa ao fascismo, a não ser que se pense que existe a alternativa da democracia burguesa e que ela é mais viável.

Mas, a UDP, no seu programa político do 2.º congresso, afirma, na introdução, que «Dado o balanço dos dois anos decorridos desde o 25 de Abril, vemos que tem sido dominados pela luta constante entre as duas vias, as duas alternativas que se abrem diante do nosso povo: o triunfo de uma ampla democracia popular ou o retorno ao fascismo».

Aqui se situa também o problema da luta anti-reformista, luta contra a penetração da ideologia burguesa no seio dos trabalhadores.

QUAL A ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA EM PORTUGAL

Quando Afonso Dias afirma, na referida entrevista, que embora não passe «nenhum cheque em branco ao PS» e não tenha confiança nos dirigentes do PS «nem como antifascistas, nem como defensores do povo» o PS deve constituir governo sozinho, nem em aliança com os fascistas do PPD e do CDS, nem com o PC que é «apenas um porta-voz e um porta-bandeira de uma potencia imperialista, a Rússia» - não é consequente face às duas alternativas que são postas pelo «Programa Político da UDP» (sem entrar na discussão sobre o que é a democracia popular como alternativa num país capitalista e concretamente em Portugal), nem, face à análise sobre o papel da social-democracia em Portugal e da dependencia do PS em relação ao imperialismo.

Aqui levanta-se a questão de qual o inimigo principal e independentemente da discussão deste ponto, os trabalhadores e os revolucionários não tem que optar por um governo

PS ou um governo PS e PC, ou seja, na actual situação a social-democracia e o capitalismo de Estado (como está expresso no documento do Copcon) não são alternativas. O problema é lutar pelo poder dos trabalhadores, é não dar tréguas ao capitalismo e ao imperialismo se se quer ser consequentemente antifascista.

A social-democracia em Portugal é a burguesia no poder é a dependencia económica e política de Portugal face ao imperialismo. E não dizer isto claramente aos trabalhadores é um grave erro. Ao mesmo tempo, falar num «governo antifascista e patriótico», sem explicar concretamente o que é esta alternativa, pode levar à confusão entre este governo e um governo PS.

A NECESSIDADE DE DESTRUIÇÃO DO ESTADO BURGUES

O problema não é de se combater o PS em «tudo aquilo que se oponha à luta do povo»: o problema é combater a classe de que a direcção do PS é um dos representantes e explicar isto claramente aos trabalhadores, avançando por uma política de luta radical contra todas as estruturas da burguesia, de todos os seus aparelhos (inclusive o ideológico). A não ser assim, nega-se a necessidade da destruição do Estado burgues, está-se numa posição reformista que é a de se fazer reformas no estado burgues e da sua utilização pelos trabalhadores.

Independentemente da discussão sobre o papel das superpotencias em Portugal e sem se fazer a apologia da «maioria de esquerda» e por conseguinte, da aliança do PS/PC, dizer que o PS deve formar governo sem o PC é optar entre a tática do PS e a tática do PC opção que não se põe aos revolucionários porque é uma falsa opção. A opção é entre o poder dos trabalhadores e o poder da burguesia.

A CONSTITUIÇÃO E A LUTA REVOLUCIONÁRIA DE MASSAS

Conforme afirmação de Eduardo Pires no comício da UDP no Campo Pequeno e de João Caixinha em conferência de Imprensa, para a UDP o candidato à presidência da República deverá ser «consequentemente antifascista», defender «intransigentemente a Constituição e que apoie a luta do povo».

Lutar pela defesa intransigente da Constituição no seu todo, o que é? É lutar por um documento fabricado por uma assembleia de maioria social-democrata, muitas vezes fruto de alianças ora entre o PS e os fascistas do PPD e CDS, ora entre o PS e o reformismo PC, embora muitas das medidas sejam progressistas, são um mero reconhecimento das conquistas dos trabalhadores e dos revolucionários no decurso das suas lutas.

Podem os camaradas da UDP dizer que os fascistas não querem a constituição e que a queriam revogar, mas a opção entre a manutenção ou não da Constituição é uma falsa opção;

há que saber defender aquelas medidas que estão de acordo com os interesses dos trabalhadores e rejeitar todas aquelas que não os sirvam. Para os revolucionários e os trabalhadores, como já foi afirmado, não é indiferente viver numa situação de fascismo ou numa situação de democracia burguesa mas, na actual situação, como a estabilização da democracia burguesa não é possível e todo o poder burgues que se constitua, independentemente das suas promessas de democracia rapidamente avançará para uma situação de fascismo. Portanto, o problema central não está em defender ou não intransigentemente a Constituição, mas na classe que exerce o poder, que aplicará as leis à sua maneira.

Os revolucionários devem explorar as contradições no seio do inimigo de classe para fazer avançar o movimento revolucionário das massas; mas pretender que os trabalhadores apoiem um PR que defenda a Constituição no seu todo é atar as pernas à luta de massas, pretendendo que esta aceite a legalidade burguesa. É não perceber que a legalização de um poder burgues é um dos objectivos da burguesia para avançar na reorganização dos seus aparelhos de repressão e impor o seu poder de classe aos trabalhadores.

Para os revolucionários, o problema é o do seu candidato ser um defensor intransigente do poder popular, é defender o documento do Copcon, que é um documento com um conteúdo de classe, que é «a única proposta viável e realista que se oferece ao Povo português para a sociedade socialista que se pretende alcançar, e constituir numa recusa firme e total ao fascismo, à social-democracia e ao capitalismo de Estado, formas de exploração que negam a real emancipação das classes trabalhadoras», como se afirma no documento, e não de se apresentar um candidato amarrado a um documento que aponta para a conciliação de classes.

AS DEGENERESCÊNCIAS DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Como é afirmado no manifesto do PRP «Contra a Guerra Civil — Insurreição Armada» de 10 de Novembro de 1975: «Também nos vimos obrigados a incluir no reformismo uma organização considerada de esquerda revolucionária, a UDP. A sua prática tem demonstrado o carácter reformista das suas posições». E aqui está o fundamental do problema: é no seguimento das suas posições anteriores acentuando-se certas características (nomeadamente o domínio da tendencia pequeno-burguesa) que tem evoluído a estratégia da UDP. É evidente que o aqui focado é o produto de já velhas e conhecidas degenerescências que se tem verificado no seio do movimento operário e terão que ser estes e os revolucionários a resolverem este problema.

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

Os fascistas não querem o caderno reivindicativo

Os trabalhadores da Câmara de Portimão encontram-se em luta pela aplicação do caderno reivindicativo

Na sequência da greve desenvolvida, os trabalhadores enfrentaram os fascistas da Câmara O «Revolução» esteve com alguns trabalhadores que nos afirmaram:

Revolução — Porque surgiu a greve na Câmara Municipal de Portimão?

A greve na Câmara Municipal de Portimão não surge só na Câmara Municipal de Portimão, surge em todas as câmaras do País, e surge porque há um caderno reivindicativo aprovado pelos trabalhadores desde Junho do ano passado, ao qual o Governo não deu despacho. A partir daí entramos em formas de luta onde foram aprovadas greves progressivas, iniciando com uma hora de greve, e passados oito dias, duas horas.

Rev — Que aconteceu durante os períodos de greve?

No primeiro dia de greve foi cumprida uma hora, não aconteceu nada. Houve trabalhadores, em posição minoritária que não quiseram aderir, e não aderiram. A posição maioritária avançou com a hora de greve, não houve incidentes, não houve problemas de nenhuma ordem.

Na semana seguinte, nas duas horas, já há acontecimentos que os trabalhadores da Câmara consideram graves.

Há a intervenção da Polícia de choque que agride os trabalhadores. Para nós isso foi uma manobra preparada, e foi uma manobra preparada a partir do presidente da Câmara que é um elemento afecto ao PPD.

É o Rogério Castelo, um fascista bastante conhecido na província e não só. Já tem aparecido no Alentejo em ataques a cooperativas: é um reacçãoário bastante conhecido aí.

Rev — Como é que a Polícia de choque aparece envolvida na questão?

Cerca das 3 horas, os trabalhadores começam-se a concentrar para o cumprimento das duas horas de greve, e, junto aos serviços municipalizados, os trabalhadores que já ali estavam (e em número de cerca de 40) veem aparecer 4 polícias que se encontraram à parede próximo do portão dos serviços. Veem também um deles entrar dentro do pátio dos serviços em atitude provocatória, que chegou ao ponto de ter dito a um trabalhador: «Tu hoje andas disfarçado...» e esse trabalhador disse-lhe: «pois não é de hoje, já há muitos anos que o ando». A partir daí, há um elemento da comissão de trabalhadores, dos serviços municipalizados que lhe pergunta o que é que ele está ali a fazer. Ele diz que não está a fazer nada. A partir daí a malta convidou-o a sair, o gajo sai, há um trabalhador que sai atrás dele, e esse trabalhador vê-o a fugir para o posto da Polícia que é no mesmo edifício. Passados dois minutos, a malta assiste a 10 polícias de choque, com todo o equipamento, viseiras, capacetes, granadas, G-3, enfim... começa a fugir para dentro do edifício e começa a agredir imediatamente um electricista dos serviços municipalizados, encosta-o a uma parede

com uma G-3 na barriga e dão-lhe um soco na cabeça. Há camaradas agredidos com coronhadas na cara e no estômago.

Rev — Houve resistência por parte dos trabalhadores à intervenção da Polícia?

Houve resistência e bastante forte: a malta não se intimidou, mas é evidente que naquelas circunstâncias, com gajos armados até aos dentes... pois a malta não tinha grandes hipóteses. De qualquer modo houve um camarada que arrancou e foi buscar trabalhadores que estavam no seu sector fora do edifício da Câmara Municipal a cumprir a greve. Esses trabalha-

res vieram imediatamente para o edifício na disposição de correr com os gajos dali. Quando chegaram os gajos já vinham em retirada e praticamente não houve necessidade de lhes fechar a saída. Ainda aí, nessa entrada, com esse grupo de trabalhadores, há um trabalhador bastante idoso com cerca de 70 anos que é puxado pelo casaco, por esses polícias de choque e é atirado ao chão. Mas isso, a malta já não conseguiu presenciar porque o trabalhador tinha dificuldade em andar, atrasou-se ao entrar no edifício e foi agredido desta maneira. A partir destes acontecimentos, (isto era por volta das 16 horas) a greve cumpre-se até às 17 horas. Acaba-se a greve e a provar aquilo que tinha dito já — que isto foi uma manobra reacçãoária, preparada pelo PPD e até pelo CDS — quando a malta sai às 18 h, a Câmara é cercada por elemen-

Continua na pag. 10

AUDIO MAGNETICA—CALDAS DA RAINHA

COMUNICADO DO PRP LOCAL

A Audio Magnética, Ld^a em Caldas da Rainha, é uma das muitas multinacionais ainda existentes no nosso país que, como todas as outras, se aproveitou da mão-de-obra barata (esta quase que na totalidade mão-de-obra feminina) para encher os seus cofres. Nesta multinacional, a luta de classes acaba de sofrer um duro revés, portanto tentar negociar o inegociável.

Na Audio, foram suspensos dois trabalhadores por venderem autocollantes da célula do PCP, dentro das instalações fabris. Em comunicado da administração da empresa, a venda é qualificada como «facto grave praticado contra o bom funcionamento da companhia, assim como contra as boas relações de trabalho existentes entre os trabalhadores».

Mas porque esta posição da administração?

Por alguns (poucos) trabalhadores se terem manifestado contra a venda de auto-colantes. Porque nesta fábrica se tem desenvolvido uma campanha anticomunista. Porque nesta fábrica não existem, há muitos meses, organizações de base.

Relatemos o que tem sido o trabalho desenvolvido na Audio.

Nesta multinacional, após o 25 de Abril de 1974, formou-se uma Comissão de Trabalhadores que lutou com certo fervor revolucionário mas, devido a manobras de bastidor, na tentativa de levar os democratas a intervir, comete o maior erro: transformou-se em delegados sindicais, acabando com a luta política, transformando-a em luta reivindicativa, amortecendo, portanto, o vigor revolucionário dos mais conscientes.

Aproveitando este facto, a administração e seus lacaios, começaram a jogar na instabilidade e nas pressões sobre os mais medrosos.

«Os comunistas e os sindicatos ainda fecham a fábrica» é uma das palavras de ordem mais pronunciadas pelos lacaios bem orquestrados.

Camarada explorado/a!
Há, nesta fábrica, uma classe com a qual devemos estar atentos. — O pequeno e médio agricultor que faz

das suas 8 horas de trabalho na fábrica apenas um meio de aumentar o seu pecúlio. O que é feito do explorado?

Sem organização, porque a delegou nos seus chefes, treme só de pensar que os carrascos tem razão.

O que é feito dos homens que transformaram a Comissão de Trabalhadores em Delegados Sindicais?

Agora, após a suspensão dos trabalhadores Raul Santieiro e Gabriel, os restantes reconhecerão o erro que cometeram ao pactuar com os exploradores.

Camaradas, não esqueçamos o erro da Audio.

Organizemo-nos fora e dentro dos locais de trabalho. Travemos o passo da reacção.

Ampliemos a organização dos trabalhadores, criando autênticos órgãos de Poder Popular. Todas estas tarefas só serão vitoriosas se o espírito de Unidade Revolucionária se sobrepuser ao partidarismo que vem dividindo os trabalhadores revolucionários.

FORA COM A CANALHA QUE EXPLORA QUEM TRABALHA
UMA SÓ SOLUÇÃO — REVOLUÇÃO SOCIALISTA

ORGANIZAÇÃO LOCAL DO PRP — CALDAS DA RAINHA

Luta dos Trabalhadores

As grandes massas populacionais, os trabalhadores em geral continuam a sua luta sem tréguas contra a campanha eleitoral para a eleição de uma comissão executiva para a direcção, contra a classe dominante

Neste momento está em preparação a campanha eleitoral para Presidente da República, e com ela a direita, apesar de dividida, tenta com todas as forças, conseguir alguém no poder que possa garantir aos capitalistas a repressão sobre os trabalhadores. A isso os trabalhadores vão respondendo, organizadamente e com a sua força de classe. A direita pode vir a ganhar de uma maneira ou de outra. Mas, uma coisa é certa: trabalhadores que, enganados, pressionados e dentro de um sem número de condições concretas que nas eleições de 25 de Abril votaram PS, PPD, ou CDS, tinham estado ou estavam na altura, em luta no seu local de trabalho, em greve. Uma coisa a direita não consegue destruir: a consciencia de classe do proletariado.

Passamos, a seguir, algumas das lutas ou factos importantes que se passaram na última semana:

COMÉRCIO RETALHISTA-SANTARÉM

O patronato cedeu, finalmente, às exigências dos trabalhadores (30 dias de férias e tabela salarial com efeitos retroactivos a partir de 1 de Janeiro) não tendo, pois, sido dada ordem de greve para dia 3 de Maio como estava previsto.

COMÉRCIO AUTOMÓVEL

Possibilidade de mais uma greve como resposta da classe à actuação patronal.

Os trabalhadores do Comércio Automóvel exigem o pagamento da tabela salarial com retroactivos, diuturnidades, regalias sociais, etc.

Caso a entidade patronal não aceite as reivindicações, o sector poderá entrar em greve parcial que poderá ir até à greve geral.

EMPRESAS EM AUTO-GESTÃO

Foi prorrogado, pelo Ministério do Trabalho, o prazo de validade das credenciais, por mais 90 dias.

Isto é prova evidente de que o poder teve mesmo que vergar um pouco às exigências dos trabalhadores, por estes se encontrarem minimamente organizados e coordenados. Mas os trabalhadores sabem bem que os 90 dias pretendem ser o «rebuçado», portanto, não deixarão que lhes «adocem a boca».

CURTUMES

Em greve desde o dia 27-4 os trabalhadores exigem que se inicie a discussão do novo C.C.T. A entidade patronal tem-se mantido na sua posição de não ceder, caluniando, tentando dividir; mas os trabalhadores estão unidos. A adesão à greve é quase total.

Continua na pag. 8

e a actualidade nacional

1º DE MAIO DE COMBATE

Convocada por sindicatos, comissões de trabalhadores e moradores, foi a manifestação que partiu do Terreiro do Paço às 15 horas e que teve o apoio do PRP, UDP e MES. Esta grande manifestação, distinguiu-se das festarolas da Inter pelo seu carácter de combate de classe. No momento em que a burguesia avança passo a passo pronta a aniquilar as conquistas mais elementares dos trabalhadores, esta jornada de luta foi o grito de revolta dos explorados que vieram para a rua mostrar ao inimigo que não desarmam, mas antes continuarão a sua marcha libertadora.

Milhares de trabalhadores entoaram palavras de ordem como «Contra o fascismo, contra a repressão, ofensiva popular». «Trabalhadores, moradores, a mesma luta» ou ainda «Operários, camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos» mostrando, assim, que são os trabalhadores quem mais deseja a unidade de classe, uma unidade de explorados con-

tra exploradores e não uma unidade falsa e carnavalesca à maneira de assistência de futebol.

Esta unidade de classe foi minimamente conseguida na manifestação das Comissões de Moradores e Trabalhadores, apesar da veiazinha controladora de uma organização nela participante, que não se esquivou a levar bandeiras com o seu símbolo, com o

acordado segundo o qual deviam ir apenas bandeiras simplesmente vermelhas, sem mais nada. Também não é por acaso que elementos do serviço de ordem, à cabeça da manifestação, pertencentes à UDP e ao PCP (r) ostentavam emblemas do seu partido ou que gostavam mais de umas palavras de ordem (só reivindicativas) que doutras (políticas).

Também não foi por acaso que, quando os manifestantes, em frente à Embaixada dos Estados Unidos substituíram energicamente a palavra de ordem «Fora a NATO, fora a CIA» por «Fora a NATO, morte à CIA», esse serviço de ordem mostrou o seu desagrado, justificando que tal palavra de ordem poderia ser interpretada como provocação.

Apesar de tudo, foi um 1.º de Maio de luta e Unidade combativa.

Na Alameda, onde terminou a manifestação, houve um comício em que intervieram: um representante das Comissões de Moradores e Trabalhadores, um representante da Comissão dos 18 sindicatos organizadores, um elemento da pró-Frente de Artistas Populares e Intelectuais Revolucionários e um representante das Comissões de Trabalhadores e Moradores da zona de Setúbal.

APOIEMOS UMA CANDIDATURA REVOLUCIONÁRIA À PRESIDÊNCIA

Este último referiu-se particularmente à justeza do Programa revolucionário do Copcon e de como os trabalhadores devem apoiar a candidatura de um militar revolucionário à Presidência da República, que defenda um programa baseado nas linhas gerais daquele. Um candidato que tenha dado provas «na prática, de estar ao lado dos trabalhadores, operários e camponeses». E que, para tal, esse programa «feito pelos trabalhadores explorados deste País (...) pelas Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores e Conselhos de Aldeia, amplamente discutido no sentido do reforço da organização dos organismos populares de base (...)» deve começar a ser elaborado e discutido imediatamente por todo o povo português, dos campos e das cidades, e aprovado numa grande reunião dos organismos populares de base.

E acabou a intervenção com as palavras de ordem.

— «Contra o poder burgues — Candidatura revolucionária»

— «Reintegração dos militares revolucionários já»

— «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos».

Entretanto, viam-se por todo o lado, autocolantes com a fotografia de Otelo e com a legenda «Otelo para presidente».

Transcrevemos em seguida extractos do comunicado do Secretariado do PRP sobre o 1.º de Maio e com o título «por um 1.º de Maio de combate anticapitalista»

«Lembramos, hoje e aqui, o 1.º de Maio das grandes jornadas de festa e luta do proletariado mundial (...)

«Lembramos hoje e aqui o grande 1.º de Maio de 1974, jornada de alegria e festa pela libertação de Portugal do domínio fascista. Mas, em 1976, o 1.º de Maio realiza-se aqui em condições bem diferentes. Hoje, o perigo do regresso ao fascismo é grande. Este 1.º de Maio não pode reduzir-se a umas quantas festas, a uns quantos discursos. Por isso não aderimos a festas. Nem tão pouco pode reduzir-se a uma mera jornada reivindicativa. (...)

Há que transformar o 1.º de Maio de 1976 num grande dia de luta pela mobilização do movimento operário e revolucionário. Transformá-lo num marco importante, no sentido do desenvolvimento da alternativa revolucionária ao capitalismo, no sentido da superação positiva da crise (...) no sentido de juntar as forças e organização indispensáveis ao desenvolvimento das condições que permitirão derrubar o poder burgues e construir a ordem proletária. (...)

Consideramos que um programa de Poder Popular, assente nas linhas gerais do Documento do Copcon e defendido por uma candidatura revolucionária à Presidência da República, poderá ser um poderoso factor de dinamização de milhões de explorados e oprimidos deste País, no sentido da única saída revolucionária para a situação actual — a Revolução Socialista, com a tomada e exercício do Poder pelos trabalhadores».

— «Em frente por um grande 1.º de Maio de combate»

— «Em frente por uma candidatura revolucionária à Presidência»

— «Vivam a classe operária e todas as forças progressistas»

— «Viva a Revolução Socialista»



ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

o da esquerda o da direita e o do meio

Com o aproximar da data limite para a apresentação das candidaturas para a Presidência da República (28 de Maio) intensifica-se a disputa entre as personalidades que traduzem os interesses das diversas camadas da burguesia

A incerteza que existe sobre as eventuais candidaturas burguesas à Presidência da República (Ramalho Eanes, Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo, ou ainda um civil do PS) tem um mérito: é a prova provada de que a burguesia não está unida sobre a escolha do seu melhor candidato

Em flagrante contraste com a divisão existente no seio da burguesia tudo concorre para que os revolucionários se unam em torno da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho que, quer pela personalidade do ex-comandante do Copcon, quer pelo programa a apresentar nos trabalhadores deste país, deverá suscitar uma enorme movimentação de massas

A divisão existente na burguesia resulta fundamentalmente dos vários projectos apresentados para a superação da crise em que Portugal se encontra além de, ainda que em menor parte, traduza as ambições pessoais dos diversos candidatos.

Se bem que a Imprensa burguesa tenha, nos últimos dias, apresentado como certa a candidatura de Ramalho Eanes (alguns jornais chegaram a afirmar já haver novo PR) nada assegura que o actual chefe do Estado-Maior do Exército, no caso de se candidatar às presidenciais o faça sem a oposição de outros militares do próprio C.R.

Quer isto dizer que é cada vez menos provável a hipótese de Eanes aparecer como o candidato único da burguesia (apoio do C.D.S., P.P.D., P.S. divisões mais gerais a nível civil e

e talvez mesmo P.C.). Assim, e em quanto às hipóteses Costa Gomes ou Pinheiro de Azevedo permanecem viáveis, Eanes foi claro ao afirmar anteriormente:

«Se a minha candidatura for um imperativo, então aceitarei, independentemente de haver ou não outros candidatos».

Quererá isto dizer que Ramalho Eanes está disposto a candidatar-se contra Costa Gomes ou Pinheiro de Azevedo? Não há outra interpretação possível.

Como se ve, é esta a unidade e coesão que existem no seio das Forças Armadas...

Esta incontestável divisão do C.R. (que é de algum modo o espelho das divisões mais gerais a nível civil e

militar) foi, de resto, reconhecida implicitamente por Charais, que afirmou: «Nas eleições veremos quem é o melhor».

CANDIDATURA DA EXTREMA-DIREITA

Se bem que a eventual candidatura de Ramalho Eanes agrade aos sectores mais reaccionários da direita portuguesa (o C.D.S. já manifestou o seu apoio), não é de excluir que apareça um candidato claramente identificado com o regime fascista.

A este respeito, diversas fontes militares asseguram que Kaulza de Arriaga — general fascista que considerava Marcelo Caetano muito lebal e que esteve preso por ligação ao 28 de Setembro — tem já as 7.500 assinaturas necessárias à sua candidatura.

O próprio Galvão de Melo, em entrevista ao matutino fascista «O Dia», reconhece a possível candidatura de Kaulza, pretendendo, acto contínuo, demarcar-se daquilo a que chama «extrema-direita».

Galvão de Melo (que ainda admite candidatar-se) criticou vigorosamente os termos em que se está a processar a candidatura de Ramalho Eanes, o qual foi comparado ao fascista Américo Tomás: «Apresentar ao povo português um candidato único é voltar ao passado. Manipular as coisas em ordem para a apresentação de um candidato único não é eleger um presidente. É nomeá-lo».

Em suma: Com Kaulza ou com Galvão de Melo é bem possível que a extrema-direita se apresente a estas eleições.

A TÁCTICA DA DIREITA E A CANDIDATURA DE OTELO

A questão dos candidatos à presidência da República só pode ser compreendida se inserida no contexto criado pelo facto do P.S. querer governar sozinho.

Dados os poderes constitucionais do P.R. (possibilidade de dissolver a assembleia) o P.P.D. e o C.D.S. tem todo o interesse em eleger alguém que esteja disposto a, face à impossibilidade do P.S. resolver a crise, dissolver a Legislativa e marcar novas eleições (se as marcar...) favoráveis aos partidos de direita.

E por estar ciente deste facto que a revista de direita «Economia e Finanças» afirma no último número:

«A alternativa do Governo socialista é mais a dissolução da Legislativa com novas eleições de onde se o C.D.S. poderá sair ganhado, do que a formação da coligação P.S./P.P.D. ou P.S./P.C.».

Sendo assim, a direita pretende através do Presidente da República aquilo que não conseguiu nas Legislativas: Subir ao poder pela via eleitoral, para o que conta com a cumplicidade da ala de direita do P.S.

E se, por hipótese, não for eleito um candidato do agrado do C.D.S. e do P.P.D., resta a hipótese do golpe



O candidato do meio. O candidato do reformismo, do PC, das alianças com o diabo. O candidato de contrabando — aceite por Salazar; e mantido por Caetano como chefe do Estado-Maior das Forças Armadas até às vésperas do 25 de Abril; ponta de lança hoje do PC. Homem versátil, tem passado por contrabando nas fronteiras da História...



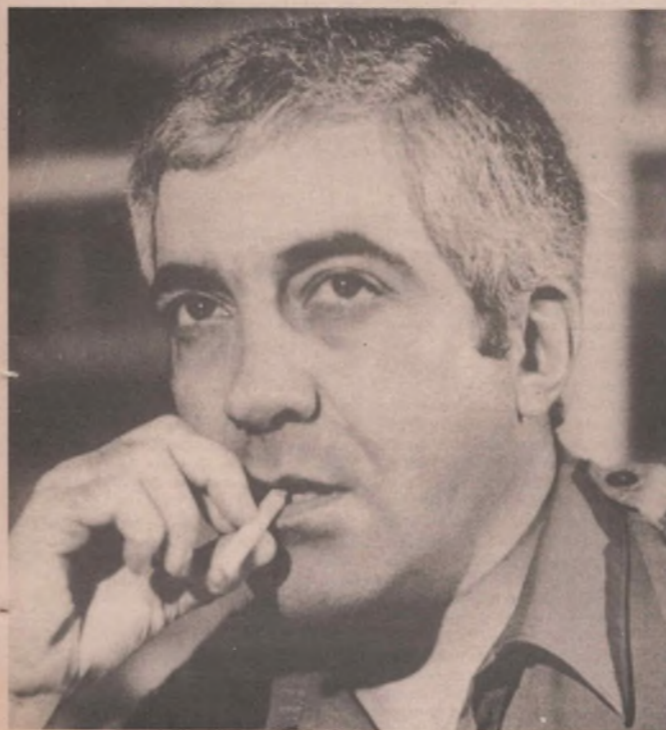
O candidato da direita. É dos bancos do tribunal de Nuremberg que saiu esta figura cega?

militar.

Tal como no Chile.

Por outro lado, é importante que os revolucionários saibam que não é um candidato eleito com o apoio do P.S. e do P.C. (seja ele Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo ou um civil do P.S.) quem travará de facto o passo ao fascismo. Um P.R. eleito com base no apoio daqueles partidos não fará mais do que pactuar com as forças de direita, tentando continuamente manter este cada vez mais instável (des) equilíbrio político e militar.

Finalmente, a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho, pelas consequências imprevisíveis que naturalmente provocará (mesmo em termos estritamente eleitoralistas são muitos os eleitores do P.C. e do P.S. que a apoiam), pode obrigar a burguesia a rever a sua táctica, repensando quem é o melhor candidato para enfrentar a candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho.



O candidato de esquerda. Defensor dos trabalhadores, das ocupações, do exército revolucionário, candidato do poder popular e do programa revolucionário do Copcon.



A manifestação do 1.º de Maio parou junto à Embaixada dos Estados Unidos da América. Colados no vidro da porta, os autocolantes Otelo para presidente marcaram a posição anti-imperialista desta manifestação e desta candidatura.

1º DE MAIO DE COMBATE

Convocada por sindicatos, comissões de trabalhadores e moradores, foi a manifestação que partiu do Terreiro do Paço às 15 horas e que teve o apoio do PRP, UDP e MES. Esta grande manifestação, distinguiu-se das festarolas da Inter pelo seu carácter de combate de classe. No momento em que a burguesia avança passo a passo pronta a aniquilar as conquistas mais elementares dos trabalhadores, esta jornada de luta foi o grito de revolta dos explorados que vieram para a rua mostrar ao inimigo que não desarmam, mas antes continuarão a sua marcha libertadora.

Milhares de trabalhadores entoaram palavras de ordem como «Contra o fascismo, contra a repressão, ofensiva popular» «Trabalhadores, moradores, a mesma luta» ou ainda «Operários, camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos» mostrando, assim, que são os trabalhadores quem mais deseja a unidade de classe, uma unidade de explorados con-

tra exploradores e não uma unidade falsa e carnavalesca à maneira de assistência de futebol.

Esta unidade de classe foi minimamente conseguida na manifestação das Comissões de Moradores e Trabalhadores, apesar da veiazinha controladora de uma organização nela participante, que não se esquivou a levar bandeiras com o seu símbolo, contra



o acordado segundo o qual deviam ir apenas bandeiras simplesmente vermelhas, sem mais nada. Também não é por acaso que elementos do serviço de ordem, à cabeça da manifestação, pertencentes à UDP e ao PCP (r) ostentavam emblemas do seu partido ou que gostavam mais de umas palavras de ordem (só reivindicativas) que outras (políticas).

Também não foi por acaso que, quando os manifestantes, em frente à Embaixada dos Estados Unidos substituíram energeticamente a palavra de ordem «Fora a NATO, fora a CIA» por «Fora a NATO, morte à CIA», esse serviço de ordem mostrou o seu desagrado, justificando que tal palavra de ordem poderia ser interpretada como provocação.

Apesar de tudo, foi um 1.º de Maio de luta e Unidade combativa.

Na Alameda, onde terminou a manifestação, houve um comício em que intervieram: um representante das Comissões de Moradores e Trabalhadores, um representante da Comissão dos 18 sindicatos organizadores, um elemento da pró-Frente de Artistas Populares e Intelectuais Revolucionários e um representante das Comissões de Trabalhadores e Moradores da zona de Setúbal.

APOIEMOS UMA CANDIDATURA REVOLUCIONÁRIA À PRESIDÊNCIA

Este último referiu-se particularmente à justeza do Programa revolucionário do Copcon e de como os trabalhadores devem apoiar a candidatura de um militar revolucionário à Presidência da República, que defenda um programa baseado nas linhas gerais daquele. Um candidato que tenha dado provas «na prática, de estar ao lado dos trabalhadores, operários e camponeses». E que, para tal, esse programa «feito pelos trabalhadores explorados deste País (...) pelas Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores e Conselhos de Aldeia, amplamente discutido no sentido do reforço da organização dos organismos populares de base (...) deve começar a ser elaborado e discutido imediatamente por todo o povo português, dos campos e das cidades, e aprovado numa grande reunião dos organismos populares de base».

E acabou a intervenção com as palavras de ordem.

— «Contra o poder burgues —
Candidatura revolucionária»

— «Reintegração dos militares revolucionários já»

— «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos».

Entretanto, viam-se por todo o lado, autocolantes com a fotografia de Otelo e com a legenda «Otelo para presidente».

Transcrevemos em seguida extractos do comunicado do Secretariado do PRP sobre o 1.º de Maio e com o título «por um 1.º de Maio de combate anticapitalista»

«Lembramos, hoje e aqui, o 1.º de Maio das grandes jornadas de festa e luta do proletariado mundial (...)

«Lembramos hoje e aqui o grande 1.º de Maio de 1974, jornada de alegria e festa pela libertação de Portugal do domínio fascista. Mas, em 1976 o 1.º de Maio realiza-se aqui em condições bem diferentes. Hoje, o perigo do regresso ao fascismo é grande. Este 1.º de Maio não pode reduzir-se a umas quantas festas, a uns quantos discursos. Por isso não aderimos a festas. Nem tão pouco pode reduzir-se a uma mera jornada reivindicativa. (...)

Há que transformar o 1.º de Maio de 1976 num grande dia de luta pela mobilização do movimento operário revolucionário. Transformá-lo num marco importante, no sentido do desenvolvimento da alternativa revolucionária ao capitalismo, no sentido de superação positiva da crise (...) no sentido de juntar as forças e organização indispensáveis ao desenvolvimento das condições que permitirão derrubar o poder burgues e construir a ordem proletária. (...)

Consideramos que um programa de Poder Popular, assente nas linhas gerais do Documento do Copcon e defendido por uma candidatura revolucionária à Presidência da República poderá ser um poderoso factor de dinamização de milhões de explorados e oprimidos deste País, no sentido da única saída revolucionária para a situação actual — a Revolução Socialista, com a tomada e exercício do Poder pelos trabalhadores».

— «Em frente por um grande 1.º de Maio de combate»

— «Em frente por uma candidatura revolucionária à Presidência»

— «Vivam a classe operária e todas as forças progressistas»

— «Viva a Revolução Socialista»



A manifestação do 1.º de Maio parou junto à Embaixada dos Estados Unidos da América. Colados no vidro da porta, os autocolantes Otelo para presidente marcaram a posição anti-imperialista desta manifestação e desta candidatura.

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

O da esquerda o da direita e o do meio

Com o aproximar da data limite para a apresentação das candidaturas para a Presidência da República (28 de Maio) intensifica-se a disputa entre as personalidades que traduzem os interesses das diversas camadas da burguesia

A incerteza que existe sobre as eventuais candidaturas burguesas à Presidência da República (Ramalho Eanes, Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo, ou ainda um civil do PS) tem um mérito: é a prova provada de que a burguesia não está unida sobre a escolha do seu melhor candidato

Em flagrante contraste com a divisão existente no seio da burguesia tudo concorre para que os revolucionários se unam em torno da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho que, quer pela personalidade do ex-comandante do Copcon, quer pelo programa a apresentar nos trabalhadores deste país, deverá suscitar uma enorme movimentação de massas

A divisão existente na burguesia resulta fundamentalmente dos vários projectos apresentados para a superação da crise em que Portugal se encontra além de, ainda que em menor parte, traduza as ambições pessoais dos diversos candidatos.

Se bem que a Imprensa burguesa tenha, nos últimos dias, apresentado como certa a candidatura de Ramalho Eanes (alguns jornais chegaram a afirmar já haver novo PR) nada assegura que o actual chefe do Estado-Maior do Exército, no caso de se candidatar às presidencias o faça sem a oposição de outros militares do próprio C.R.

Quer isto dizer que é cada vez menos provável a hipótese de Eanes aparecer como o candidato único da burguesia (apoio do C.D.S., P.P.D., P.S. divisões mais gerais a nível civil e

e talvez mesmo P.C.). Assim, e enquanto às hipóteses Costa Gomes ou Pinheiro de Azevedo permanecem viáveis, Eanes foi claro ao afirmar anteriormente:

«Se a minha candidatura for um imperativo, então aceitarei, independentemente de haver ou não outros candidatos».

Querirá isto dizer que Ramalho Eanes está disposto a candidatar-se contra Costa Gomes ou Pinheiro de Azevedo? Não há outra interpretação possível.

Como se ve, é esta a unidade e coesão que existem no seio das Forças Armadas...

Esta incontestável divisão do C.R. (que é de algum modo o espelho das divisões mais gerais a nível civil e



O candidato de esquerda. Defensor dos trabalhadores, das ocupações, do exército revolucionário, candidato do poder popular e do programa revolucionário do Copcon.



acordado segundo o qual deviam apenas bandeiras simplesmente vermelhas, sem mais nada. Também não por acaso que elementos do serviço de ordem, à cabeça da manifestação, pertencentes à UDP e ao PCP (r) ostentavam emblemas do seu partido ou que gostavam mais de umas palavras de ordem (só reivindicativas) que outras (políticas).

Também não foi por acaso que, quando os manifestantes, em frente à Embaixada dos Estados Unidos substituíram energicamente a palavra de ordem «Fora a NATO, fora a CIA» por «Fora a NATO, morte à CIA», esse irruído de ordem mostrou o seu desagrado, justificando que tal palavra de ordem poderia ser interpretada como provocação

Apesar de tudo, foi um 1.º de Maio de luta e Unidade combativa.

Na Alameda, onde terminou a manifestação, houve um comício em que estiveram: um representante das Comissões de Moradores e Trabalhadores, um representante da Comissão dos 18 sindicatos organizadores, um elemento da pró-Frente de Artistas Populares e Intelectuais Revolucionários, um representante das Comissões de Trabalhadores e Moradores da zona de Setúbal.

POSIEMOS UMA CANDIDATURA REVOLUCIONÁRIA À PRESIDÊNCIA

Este último referiu-se particularmente à justeza do Programa revolucionário do Copcon e de como os trabalhadores devem apoiar a candidatura de um militar revolucionário à Presidência da República, que defenda um programa baseado nas linhas gerais daquele. Um candidato que tenha dado provas «na prática, de estar ao lado dos trabalhadores, operários e camponeses». E que, para tal, esse programa «feito pelos trabalhadores explorados deste País (...) pelas Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores e Conselhos de Aldeia, amplamente discutido no sentido do reforço da organização dos organismos populares de base (...) deve começar a ser elaborado e discutido imediatamente por todo o povo português, nos campos e das cidades, e aprovado numa grande reunião dos organismos populares de base».

E acabou a intervenção com as palavras de ordem.

— «Contra o poder burgues — Candidatura revolucionária»

— «Reintegração dos militares revolucionários já»

— «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos».

Entretanto, viam-se por todo o lado, autocolantes com a fotografia de Otelo e com a legenda «Otelo para presidente».

Transcrevemos em seguida extractos do comunicado do Secretariado do PRP sobre o 1.º de Maio e com o título «por um 1.º de Maio de combate anticapitalista»

«Lembramos, hoje e aqui, o 1.º de Maio das grandes jornadas de festa e luta do proletariado mundial (...)

«Lembramos hoje e aqui o grande 1.º de Maio de 1974, jornada de alegria e festa pela libertação de Portugal do domínio fascista. Mas, em 1976, o 1.º de Maio realiza-se aqui em condições bem diferentes. Hoje, o perigo do regresso ao fascismo é grande. Este 1.º de Maio não pode reduzir-se a umas quantas festas, a uns quantos discursos. Por isso não aderimos a festas. Nem tão pouco pode reduzir-se a uma mera jornada reivindicativa. (...)

Há que transformar o 1.º de Maio de 1976 num grande dia de luta pela mobilização do movimento operário e revolucionário. Transformá-lo num marco importante, no sentido do desenvolvimento da alternativa revolucionária ao capitalismo, no sentido da superação positiva da crise (...) no sentido de juntar as forças e organização indispensáveis ao desenvolvimento das condições que permitirão derrubar o poder burgues e construir a ordem proletária. (...)

Consideramos que um programa de Poder Popular, assente nas linhas gerais do Documento do Copcon e defendido por uma candidatura revolucionária à Presidência da República, poderá ser um poderoso factor de dinamização de milhões de explorados e oprimidos deste País, no sentido da única saída revolucionária para a situação actual — a Revolução Socialista, com a tomada e exercício do Poder pelos trabalhadores».

— «Em frente por um grande 1.º de Maio de combate»

— «Em frente por uma candidatura revolucionária à Presidência»

— «Vivam a classe operária e todas as forças progressistas»

— «Viva a Revolução Socialista»

militar) foi plicitamente «Nas eleições...».

CANDIDATURA

Se se de Ramalho Eanes mais a quesua (o apoio), num candidato com o re

A este litares as ga — ge va Marce que estev de Setem turas nec

O próprio vista ao reconhec Kaulza, p demarcas trem-dia

Galvão candidato os termos a candidi qual foi co

co Tomaz tuges un mos ao p em orde um candi president

Em si vão de extrema-eleições

A TÁTICA E A CANDIDATURA

A candidatura de pretendido do pelo l sozinho.

Dado do P.R. l assemble todo o l que este lidade de ver a l eleições aos parti

E por a revista nanças»

«A al ta é ma com n o C.D.S. a forma ou P.S. l

Send através aquilo d tivas: S para o da ala d

E se um can do P.P.I

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

da esquerda o da direita e do meio

Com o aproximar da data limite para a apresentação das candidaturas para a Presidência da República (28 de Maio) intensifica-se a disputa entre as personalidades que traduzem os interesses das diversas camadas da burguesia

A incerteza que existe sobre as eventuais candidaturas burguesas à Presidência da República (Ramalho Eanes, Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo, ou ainda um civil do PS) tem um mérito: é a prova provada de que a burguesia não está unida sobre a escolha do seu melhor candidato

Em flagrante contraste com a divisão existente no seio da burguesia, o concorre para que os revolucionários se unam em torno da candidatura de Otelio Saraiva de Carvalho que, quer pela personalidade do ex-comandante do Copcon, quer pelo programa a apresentar nos trabalhadores deste país, deverá suscitar uma enorme movimentação de massas

A divisão existente na burguesia resulta fundamentalmente dos vários projectos apresentados para a superação da crise em que Portugal se encontra além de, ainda que em menor parte, traduza as ambições pessoais dos diversos candidatos.

Se bem que a Imprensa burguesa tenha, nos últimos dias, apresentado como certa a candidatura de Ramalho Eanes (alguns jornais chegaram a afirmar já haver novo PR) nada assegura que o actual chefe do Estado-Maior do Exército, no caso de se candidatar às presidencias o faça sem a oposição de outros militares do próprio C.R.

Quer isto dizer que é cada vez menos provável a hipótese de Eanes aparecer como o candidato único da burguesia (apoio do C.D.S., P.P.D., P.S.

e talvez mesmo P.C.). Assim, e enquanto quanto às hipóteses Costa Gomes ou Pinheiro de Azevedo permanecem viáveis, Eanes foi claro ao afirmar anteriormente:

«Se a minha candidatura for um imperativo, então aceitarei, independentemente de haver ou não outros candidatos».

Quererá isto dizer que Ramalho Eanes está disposto a candidatar-se contra Costa Gomes ou Pinheiro de Azevedo? Não há outra interpretação possível.

Como se ve, é esta a unidade e coesão que existem no seio das Forças Armadas...

Esta incontestável divisão do C.R. (que é de algum modo o espelho das divisões mais gerais a nível civil e

militar) foi, de resto, reconhecida implicitamente por Charais, que afirmou: «Nas eleições veremos quem é o melhor».

CANDIDATURA DA EXTREMA-DIREITA

Se bem que a eventual candidatura de Ramalho Eanes agrade aos sectores mais reaccionários da direita portuguesa (o C.D.S. já manifestou o seu apoio), não é de excluir que apareça um candidato claramente identificado com o regime fascista.

A este respeito, diversas fontes militares asseguram que Kaulza de Arriaga — general fascista que considerava Marcelo Caetano muito liberal e que esteve preso por ligação ao 28 de Setembro — tem já as 7.500 assinaturas necessárias à sua candidatura.

O próprio Galvão de Melo, em entrevista ao matutino fascista «O Dia», reconhece a possível candidatura de Kaulza, pretendendo, acto contínuo, demarcar-se daquilo a que chama «extrema-direita».

Galvão de Melo (que ainda admite candidatar-se) criticou vigorosamente os termos em que se está a processar a candidatura de Ramalho Eanes, o qual foi comparado ao fascista Américo Tomás: «Apresentar ao povo português um candidato único é voltar-mos ao passado. Manipular as coisas em ordem para a apresentação de um candidato único não é eleger um presidente. É nomeá-lo».

Em suma: Com Kaulza ou com Galvão de Melo é bem possível que a extrema-direita se apresente a estas eleições.

A TÁCTICA DA DIREITA E A CANDIDATURA DE OTELO

A questão dos candidatos à presidência da República só pode ser compreendida se inserida no contexto criado pelo facto do P.S. querer governar sozinho.

Dados os poderes constitucionais do P.R. (possibilidade de dissolver a assembleia) o P.P.D. e o C.D.S. tem todo o interesse em eleger alguém que esteja disposto a, face à impossibilidade do P.S. resolver a crise, dissolver a Legislativa e marcar novas eleições (se as marcar...) favoráveis aos partidos de direita.

É por estar ciente deste facto que a revista de direita «Economia e Finanças» afirma no último número:

«A alternativa do Governo socialista é mais a dissolução da Legislativa com novas eleições de onde se o C.D.S. poderá sair ganhado, do que a formação da coligação P.S./P.P.D. ou P.S./P.C.».

Sendo assim, a direita pretende através do Presidente da República aquilo que não conseguiu nas Legislativas: Subir ao poder pela via eleitoral, para o que conta com a cumplicidade da ala de direita do P.S.

E se, por hipótese, não for eleito um candidato do agrado do C.D.S. e do P.P.D., resta a hipóteses do golpe



O candidato do meio. O candidato do reformismo, do PC, das alianças com o diabo. O candidato de contrabando — aceite por Salazar, e mantido por Caetano como chefe do Estado-Maior das Forças Armadas até às vésperas do 25 de Abril; ponta de lança hoje do PC. Homem versátil, tem passado por contrabando nas fronteiras da História...



O candidato da direita. É dos bancos do tribunal de Nuremberg que saiu esta figura cega?

militar.

Tal como no Chile.

Por outro lado, é importante que os revolucionários saibam que não é um candidato eleito com o apoio do P.S. e do P.C. (seja ele Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo ou um civil do P.S.) quem trará de facto o passo ao fascismo. Um P.R. eleito com base no apoio daqueles partidos não fará mais do que pactuar com as forças de direita, tentando continuamente manter este cada vez mais instável (des) equilíbrio político e militar.

Finalmente, a candidatura de Otelio Saraiva de Carvalho, pelas consequências imprevisíveis que naturalmente provocará (mesmo em termos estritamente eleitoralistas são muitos os eleitores do P.C. e do P.S. que a apoiar), pode obrigar a burguesia a rever a sua tática, pensando quem é o melhor candidato para enfrentar a candidatura revolucionária de Otelio Saraiva de Carvalho.



O candidato de esquerda. Defensor dos trabalhadores, das ocupações, do exército revolucionário, candidato do poder popular e do programa revolucionário do Copcon.

nas fábricas

Luta dos Trabalhadores

Continuação da pág. 5

PREVIDÊNCIA

Trabalhadores de 25 empresas beneficiários das Caixas de Previdência, decidiram, em pleiário, efectuar uma manifestação em Lisboa, reivindicando o controlo operário na Previdência dado que, neste momento, e segundo os trabalhadores, o que se passa «é que se estende a miséria à Previdência em vez de a melhorar e a por realmente ao serviço de todos os trabalhadores».

OCUPAÇÕES DE CASAS

Na sequência da repressão que se tem vindo a efectuar sobre moradores pobres e ocupantes, o Estado-Maior-General das Forças Armadas e os Ministérios da Administração Interna e Justiça emitiram um despacho conjunto sobre as ocupações de casas. Ao referir-se às ocupações, considera o despacho, a certa altura, terem parte destas sido desenvolvidas por «individuos e grupos não legalizados e de legitimidade muitas vezes duvidosa, de uma forma casuística, desordenada e ilegal, retirando o necessário estímulo à Construção Civil». E pretendem os senhores ministros, e não só, formar qualquer coisa como uma comissão de estudo e reorganização. A isto e a tudo o que com isto vier, saberão os moradores pobres e ocupantes responder como o tem feito até aqui.

AJUDANTES DE FARMÁCIA

Os trabalhadores estão dispostos a, mais uma vez, avançar com a greve total nos próximos dias 12, 13 e 14 como pressão para que a entidade patronal reinicie as negociações para a assinatura do CCT. O Contrato Colectivo que existe, data de 1973. Entretanto, a entidade patronal, para além de todos os boicotes, faz chantagens: se não pagar à Caixa de Previdência, poderá suportar os aumentos.

TÉXTEIS

Os trabalhadores da fábrica de confecções de Albergaria-a-Velha Francisco Silva e Cia. Lda., perante a ameaça de desemprego, resolveram ocupar a fábrica.

A entidade patronal não cumpriu o decidido no Ministério do Trabalho, de ceder as quotas aos trabalhadores e prepara-se para declarar falência:

ESTIVADORES

Mais uma vitória dos trabalhadores, desta vez verificada com os estivadores de Lisboa, que se preparavam para entrar em greve dia 3, por solidariedade com os estivadores do Funchal, que exigiam melhoria da tabela salarial. Tal greve não se chegou a efectivar, pois o patronato, perante a ameaça feita pelos trabalhadores, cedeu.

METALURGIA S. PAULO

Os 12 trabalhadores começaram uma greve de zelo parcial, como forma de protesto por a entidade patronal ter até agora, ignorado tudo quanto diz respeito ao CCT e nem sequer ter pago os subsídios de férias estipulados pela lei.

SOREFAME

Aprovada a proposta sobre o Controlo da Produção

O texto que se segue constitui uma proposta sobre controlo da produção, aprovada em assembleia geral na sorefame. Pelo interesse que merece, publicamo-la na íntegra:

INTRODUÇÃO

O controlo da produção, numa realidade de democracia operária, é a participação de todos os trabalhadores no processo produtivo, não como simples apêndices das máquinas, das ferramentas ou das terras, para produzir mais, mas como os verdadeiros orientadores da produção, da sua planificação e distribuição.

Não se restringe somente (mas também) aos problemas técnicos de uma secção, às questões entre os próprios trabalhadores, entre estes e os chefes, e entre os mesmos chefes à procura de um responsável, mas fundamentalmente em procurar saber o que determina que estes problemas (falta de material, horas perdidas, desemprego, baixa da produção, etc.) existam e continuem a existir. Não é uma política correcta responsabilizar, como sempre se tem feito em todos os tempos, os trabalhadores pelas falhas. Acreditamos que é o próprio sistema em que se fundamenta esta produção o principal elemento a desmontar.

É pois necessário desvendar todos os segredos da produção, antes mesmo da sua realização, ou seja, nos contratos, nas compras, na planificação, na contabilidade em geral, etc. Saber porque é que ela se processa dentro de determinados critérios, que pensamos não serem os dos trabalhadores. A partir daí, teremos a arma necessária para de facto pôr um ponto final nesta história, abolindo para sempre o desemprego, a instabilidade, a insegurança, as más condições de vida, a miséria, a ignorância, as injustiças e a falta de liberdade, para que o homem seja plenamente dono do seu destino. Isto só se conseguirá se o homem individualmente, e os trabalhadores organizadamente se apropriarem do produto do seu trabalho, para proveito de toda a sociedade. É necessário construir em Portugal uma sociedade sem classes onde não haja explorados, nem exploradores. É nossa tarefa fazer com que isto se cumpra e não esperar que o façam por nós. Só com a nossa participação directa e efectiva, com a nossa organização democrática e revolucionária na fábrica, o conseguiremos.

Mas o fundamental, não será somente produzir mais e melhor, com toda a força da nossa organização, mas sim, saber se o que estamos a produzir é para o benefício do povo, dos trabalhadores, ou para ser utilizado por alguns, naquilo que eles consideram ser o interesse de todos. Se o trabalho, e consequentemente o que se produz, tem a participação de todos deverá ser decidido por todos o

destino daquilo que se conseguiu com esse mesmo trabalho. Acreditamos, assim, que é em função do esclarecimento de todos os trabalhadores, que se deverá orientar o trabalho da Comissão de Controlo, no momento actual.

Neste momento, controlar, seria o controlo sobre algo (o capital), que é incontroável na sua ânsia de lucro, para garantir privilégios. Para eles o principal é que o poder de decisão esteja nas mãos de alguns. Ora, não se trata de retirar o poder das mãos de alguns, para o passar para as mãos de outros, como se fez ultimamente. Trata-se, sim, de desmontar toda esta estrutura, em que uns se impõem sobre os outros, e isto só será possível, através da nkssa organização, não para controlar, mas para exercer o poder efectivo, para dirigir colectiva e democraticamente, o que na verdade nos pertence a nós e a toda a sociedade.

Gerir, ter nas nossas próprias mãos, e não nas mãos de outros em nosso nome, dirigir, orientar p processo produtivo, a própria economia do País, seria efectivamente o que deveriamos realizar. Para isso, devemos ingerir no campo que alguns (os capitalistas) consideram como o seu santuário (para guardarem os seus segredos e os seus privilégios), como por exemplo, na contabilidade, na planificação, na organização do trabalho, etc.

Consideramos que, neste momento, a questão do controlo não está clara para a maioria dos trabalhadores. Isto não significa que punhamos o controlo de lado, mas definimo-lo de outra maneira. Em geral, idealizamos o tal controlo, sem saber como exercê-lo na prática. Oferece-nos simplesmente votar nesta ou naquela lista, como única alternativa. Opômo-nos a este sistema. Alguns são os trabalhadores que na sua vontade de fazerem algo, se antecipam aos trabalhadores em geral, e acabam isolados. Como não compreendem os seus erros responsabilizam os trabalhadores, alegando falta de consciência dos mesmos. Não compreendem esses camaradas que a democracia operária se exerce com os yrabalhadores, e não sobre eles.

O controlo deve existir, e a sua prática hoje é a da ingerência, mas deve ser um processo em que todos participem, democraticamente, discutindo todas as questões.

Consideramos portanto, que apresentar a aprovação dos estatutos para a nova comissão, sem a necessária consciencialização de todos os trabalhadores, é estamos a incorrer nos mesmos erros. Isto não significa a paralisação das actividades da comissão.

O que é neccessário, é motivar os trabalhadores, para que de facto o controlo se efectue, democraticamente por todos, e não por alguns em nome dos demais.

Assim propomos:

PROPOSTA

A formação de um grupo de trabalho, a partir de voluntários por secção, delegados sindicais, delegados de outras comissões existentes na empresa, que juntamente com o executivo da actual CCs, elaborem uma proposta de linha de actuação, com base no que anteriormente referimos, encaminhando inicialmente o seguinte:

- a) através da participação dos trabalhadores de cada secção; em reuniões conjuntas com pelo menos três delegados do grupo de trabalho, levantar todos os problemas concretos existentes;
- b) levantamento de todo o trabalho desenvolvido pela CCs, bem como o material que possua;
- c) com base em discussões por sector, organização dos futuros regulamentos que irão reger as actividades do exercício do controlo;
- d) divulgação de textos sobre o controlo, seleccionando aqueles que dizem respeito às experiências anteriores dos trabalhadores (gestão, autogestão, etc.) assim como discussões, palestras, filmes, etc;
- e) contactos com trabalhadores de outras empresas para troca de experiências e análise de todos os organismos em que a comissão participa;
- f) publicação quinzenal sobre todas as actividades da empresa, dos trabalhadores, etc., assim como grandes painéis murais.

CONCLUSÃO

Entendemos que ao apresentar esta proposta, estamos a dar um passo verdadeiramente seguro e firme, no sentido da construção de uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem, ocupando o nosso verdadeiro lugar na sociedade. Um lugar que não será privilégio fe alguns, mas um direito de todos.

As dificuldades que por acaso sejam encontradas, as im compreensões entre os trabalhadores, deverão ser solucionadas numa discussão aberta e democrática, mas também com a firmeza necessária. Acreditamos que todos os trabalhadores têm interesses em comum, e que o simples facto de muitas vezes estarmos divididos, não significa necessariamente que tenhamos interesses contrários. Predomina o que nos une. Alguns são os que têm interesse em nos dividir, mas esses não são os trabalhadores.

A nossa unidade consegue-se na luta, não entre nós próprios, mas entre nós e aqueles que se opõem à transformação social que iremos realizar. Muitos opor-se-ão violentamente e para eles deveremos ter a organização necessária para contornar a nossa tarefa de libertar definitivamente os Portugueses da opressão do sistema capitalista, que é a base do fascismo. Para esta tarefa, deveremos ser todos a participar e a dar a direcção.

Amadora, 22 de Abril de 1976

BAIRRO ANGOLA

DAS OCUPAÇÕES À LIGAÇÃO CÍDADE—CAMPO

A luta dos moradores, tem-se vindo a agudizar devido às ordens de despejo emanadas do poder, algumas delas conseguidas através das forças repressivas que em grande aparato conseguem por dezenas de famílias na rua

O Bairro Angola (Camarate) é um bairro que foi construído clandestinamente e, que como todos os bairros clandestinos, não tem escola, não tem creche nem mercado. Os arruamentos também não existem. Esta situação levou os moradores a organizarem-se para resolverem os problemas inerentes ao bairro.

A existência de um decreto-lei no qual se determina que qualquer bairro clandestino pode ser expropriado, levou moradores de algumas quintas daquele bairro a não pagarem renda ao senhorio.

O REVOLUÇÃO esteve com um elemento da Comissão de Moradores do bairro Angola, que nos falou do processo, e das intenções que os moradores tem de por em prática algumas iniciativas.

REVOLUÇÃO — Como desenrolaram a vossa acção para a resolução dos problemas mais prementes do Bairro?

C. MORADORES — Os senhorios das 3 Quintas que fazem parte do Bairro Angola (Quinta das Courelas, Algueirinho e Serrado) acharam conveniente construir as tais casas abaracadas, para ter mais 90 contos por mês. Neste momento o caso está em tribunal e existem 300 ordens de despejo.

Entretanto a Câmara de Loures prometeu-nos levar a efeito a expropriação dessas 3 Quintas, o que fará terminar o problema da ordem de despejo.

Neste momento, a Comissão de Moradores, com o acordo da Câmara, fez contractos com rendas à volta de 1 000\$00 a 2 000\$00, consoante a antiguidade das casas. Nas casas antigas o critério foi o início da construção e a renda na altura existente, para as construções modernas, estipulámos 500\$00 por assoalhada, como havia acontecido em Setúbal.

Se os proprietários não concordarem com estas rendas, só há uma solução: expropriação total do Bairro Angola, já que não há loteamentos com licença.

A nossa luta é drástica, mas todos estamos convencidos que a população vai obter mais uma vitória.

Por outro lado, com o apoio de uma equipa SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local), está a ser expro-

priado um terreno para a construção de casas, a qual ainda não se iniciou porque o ministro da Habitação (Eduardo Pereira) tem adiado ao máximo a expropriação desses tais terrenos.

AS OCUPAÇÕES E O COPCON

REVOLUÇÃO — Mas vocês também ocuparam casas?

C. MORADORES — Ocupamos dois prédios de segundo andar (que se tinham começado a construir há 14 anos) e que o ano passado ainda estavam a servir de arrecadação da Direcção Geral de Desportos que pagava 40 contos ao proprietário. Portanto, este não tinha interesse nenhum em entregá-los para habitação. Nós, nessa altura (ainda existia o COPCON), alertámos o COPCON que foi lá verificar as centenas de contos de material armazenado que depois saiu de lá e então ocupámos os dois prédios, metemos lá pessoas que viviam em partes de casas ou em barracas. Neste momento o processo também já está a avançar e esses prédios ficarão a pertencer à Câmara de Loures.

Na altura em que o COPCON existia, para todos os problemas existentes, para todas as ocupações no bairro, que eram e são ainda muitas, o COPCON prestou-nos todo o auxílio, através de várias pessoas que esta-

vam lá, como por exemplo o tenente Mateus e o capitão Lourenço Marques. Sempre que havia ocupações eles mandavam uma força da EPAM ou da Escola Prática de Material. Infelizmente o COPCON foi ao ar!

OS DESPEJOS

REVOLUÇÃO — Relativamente aos despejos, como é que se tem processado?

C. MORADORES — No Bairro Angola não temos problemas de despejo. A GNR e a PSP recusam-se a ir lá, pois sabem bem da nossa luta e da sua justiça. Nós sempre que fazemos um comunicado, enviamos à GNR e à PSP de Loures e portanto eles estão bem dentro do assunto. Sabem também que se forem lá encontram a população bem organizada para defender o que é seu.

Caso apareça alguém para despejar um inquilino, estamos preparados para reagir. Para tanto, e através de um foguete, ou de um comunicado mobilizaremos toda a população para se concentrar junto ao prédio em causa.

AS INICIATIVAS

REVOLUÇÃO — Para além da consolidação deste processo, vocês pensam avançar com outro tipo de iniciativas. Pode-nos falar delas?

C. MORADORES — Nós temos verificado que a ligação entre as C. Moradores dos vários bairros, não está muito bem organizada. Por outro lado existem as manobras partidárias, e algumas das comissões até são controladas.

Aqui no bairro isso não acontece, e temos tentado estar em contacto com as outras comissões, principalmente através da Associação dos Inquilinos Lisbonenses e das Comissões de Setúbal.

Outra ligação que nós queremos

por em prática é com o campo. Aqui não temos mercado e por isso pensamos organizar um, mas popular com produtos vindos directamente das comissões de trabalhadores que ocuparam as terras, acabando assim com o oportunismo dos intermediários.

Para isso organizamos para o próximo sábado um mercado que queremos se torne semanal.

Pensamos que só assim será possível acabar com a especulação de que somos vítimas, dos intermediários e conseguir que os camaradas das cooperativas agrícolas vendam os seus produtos.

A ligação entre as Comissões de Moradores, para uma actuação comum, é neste momento fundamental. Essa ligação terá que se efectivar mediante um programa comum, capaz de ultrapassar as manobras partidárias. Esse programa comum poderá passar pelo DOCUMENTO DO COPCON, proposta capaz de aglutinar na luta os trabalhadores-moradores e os camponeses, aliados aos soldados e oficiais revolucionários, com o objectivo da consolidação do Poder Popular.

COMISSÃO DE MORADORES

BAIRRO ANGOLA — CAMARATE

DIA 8/5/1976 ÀS 10 HORAS

Venda directa à população em colaboração com as cooperativas da região de Aveiras de Cima e Azambuja, Torre Bela, Ameixoeira, Quebradas, Marquesa, Valmore e Pombal, assim como venda de peixe com a presença de um carro da SAPP.

Produtos para venda: cabrito vivo, borrego vivo, queijos, milho, cevada, hortaliças e mais produtos da época.

A TÁCTICA DA BURGUESIA

Os trabalhadores rurais encetaram a seguir ao 25 de Abril, a luta pela ocupação das herdades dos grandes latifundiários, seus exploradores.

Ocuparam as herdades porque elas estavam mal aproveitadas e porque eram para os seus proprietários, unicamente um meio de exploração e opressão dos que nelas trabalhavam.

No campo a luta contra a exploração é também a luta pelo aumento da produção e passa necessariamente pela planificação socialista da economia, única maneira de assegurar a independência nacional.

A burguesia não podia tolerar as expropriações. Por isso, desde logo se levantou contra as aspirações dos trabalhadores rurais, principalmente após o VI Governo e com o 25 de Novembro. Além disto, utilizando o descontentamento dos camponeses pobres, a calúnia, o caciquismo, e o terror, a burguesia divide os trabalhadores rurais e pretende agora, através da sua Lei da Reforma Agrária, impedir as expropriações das herdades com menos de 50 000 pontos, mesmo quando estão cultivadas e dantes estavam abandonadas.

Por outro lado, a burguesia pretende também asfixiar economicamente as herdades ocupadas; a sua táctica é ir recuperando para voltar a ter tudo

CHAPELEIROS EM GREVE

O aumento desenfreado do custo de vida, os salários de miséria e a fome, foram os motivos que levaram os trabalhadores chapeleiros ao desencadeamento de uma série de lutas, as quais vieram a culminar com greve total. Os objectivos desta luta, são:

- salário mensal de 7.500\$00;
- 45 horas de labuta semanal; e
- melhoria da reforma, pois alguns trabalhadores, com mais de

59 anos de serviços, são obrigados a trabalhar devido à reforma de 500\$00 mensais, não satisfazer as necessidades do agregado familiar.

Com o objectivo de dar conhecimento da sua justa luta aos demais explorados, os chapeleiros organizaram uma grandiosa manifestação, onde reclamavam as suas reivindicações e pediam a solidariedade da classe explorada, tendo como nota predominante, o espírito revolucionário que uniam todos os trabalhadores, em mais uma luta onde os beneficiados são toda a classe trabalhadora.

Opatronato, a fim de boicotar a luta, apresentou duas propostas reaccionárias, às quais os chapeleiros responderam firmes na continuação da greve até à satisfação total das suas reivindicações. A venda de autocolantes é um dos apoios financeiros que contam, para a angariação de fundos que se destinam aos trabalhadores mais necessitados pois a miséria e a fome, pode levá-los para o outro lado da barricada, o que traria as consequências desastrosas para toda a classe operária.

Enquanto a greve continua, esperamos num prazo curto, apresentar mais detalhes sobre esta luta reivindicativa dos trabalhadores chapeleiros, no sentido de a divulgar e esclarecer todos os explorados e oprimidos deste País.

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

Continuação da pág. 5

tos afectos ao PPD e ao CDS armados. No pátio da Câmara, foram vistas pistolas e facas e a isto a Polícia não disse nada, não fez nada.

Rev — Portanto houve colaboração nitida entre o presidente da Câmara e o chefe da Polícia em Portimão?

A colaboração entre eles é bastante clara até porque, cerca das 14,30 h, o chefe da Polícia saiu do gabinete do presidente da Câmara. Isto foi visto por muitos trabalhadores. Em Portimão e Lagos, os chefes da Polícia foram substituídos por retornados e penso que, noutros locais do Algarve está a acontecer o mesmo.

Rev — Qual foi a reacção dos trabalhadores?

A indignação era geral, havia trabalhadores, como os do sector da limpeza, que estavam dispostos a vir com os carros para a rua e a não fazer a limpeza antes que o presidente da Câmara se demitisse. Não se pôde avançar com esta ideia, mas marcou-se um plenário para dois dias depois. O plenário realizou-se com mais de dois terços dos trabalhadores e ficou decidido que, se até ao dia 10 de Maio, o presidente não se demitisse, se fariam piquetes e se impediria

o presidente de entrar.

Rev — Pensas que os trabalhadores irão levar por diante essa sua decisão?

Penso que sim, pois a malta está unida e há população que nos vai ajudar. Concretamente, há um grupo de trabalhadores do SAAL, que tem sentido as sacanices do presidente da Câmara e que está disposto a intervir.

Rev — Comunicaram a vossa luta a outros trabalhadores?

Pois! Houve um plenário, no fim-de-semana em que estes acontecimentos se deram, em Santarém, com representantes de quase todas as câmaras do País e houve unanimidade no repúdio à atitude do Rogério Castelo.

Rev — Há pouco falaste no PPD e CDS. Pensas que actuaram combinados com a Câmara?

Penso que sim. Os trabalhadores pensam que, pelo menos nesta acção contra os trabalhadores da Câmara, estiveram juntos como unha e carne e a provar isso é que, como já disse atrás, a ocupação da Câmara dá-se por indivíduos afectos a esses dois partidos. Ainda durante a nossa greve de 2 horas circulavam boatos pela cidade, lançados por elementos afectos a essas 2 organizações fascistas, que os trabalhadores tinham rap-

tado o presidente da Câmara e iam cortar a água e a luz à cidade e, com isto, os gajos pretendiam uma mobilização que lhes permitisse de certo modo, e principalmente em relação ao PPD, recuperar o terreno que eles sentiam que estavam a perder.

O Sá Carneiro tinha passado, durante a campanha eleitoral, pelo Algarve e não conseguiu enganar ninguém. E todo o lado onde apareciam eram corridos. É lógico, os gajos tentaram ali na zona, aproveitando-se da luta dos trabalhadores da Câmara, tirar um certo proveito em relação às eleições. Simplesmente, a mobilização que os gajos pretendiam não se deu, e o tiro saiu-lhes pela culatra.

Rev — Mudando de assunto. Dentro do ambiente de Portimão, o que é que tu pensas das actividades da direita?

Essa questão, é evidente que tem de ser uma resposta pessoal, pois eu penso que essa resposta não pode ser dada só em relação a Portimão, mas tem de ser dada em relação a toda a província. Penso que as forças reaccionárias fascistas, concretamente o PPD e o CDS, pretenderam fazer desta província uma espécie de Rio Maior e, para isso, usaram de todos os meios. Não conseguiram, pelo menos até agora, a finalidade, mas de qualquer modo têm muita força e, concretamente no concelho de Portimão, são fortíssimos, a pontos de um fulano entrar, por exemplo, na «Casa Inglesa» e ver os gajos do CDS, que são

muitos, com o emblema do CDS ao peito e ao lado a cruz gamada, com todo o à vontade. Já começaram a agredir trabalhadores com violência e penso que é urgente que os trabalhadores comecem a pensar a sério na resposta, não é?

Rev — Agrediram? Como?

Como? À paulada, a tiro, a murro, a pontapé.

Rev — E perante isso, a Polícia fica impassível?

É verdade!

Um dirigente muito conhecido dos gajos, um fulano chamado Hélio Boleto, dá-se ao luxo de ir buscar no seu carro particular polícias ao posto, vai colocá-los nos locais de serviço e, quando eles acabam, vai levá-los de novo.

Durante o comício do CDS, o posto da PSP de Portimão foi a arrecadação dos estandartes bandeiras e panfletos do CDS.

Rev — Pensas que a Polícia, após o 25 de Novembro, tem sido mais repressiva?

Penso que não. Penso que a Polícia de Portimão, como de outro lado qualquer, não era menos repressiva e agora mais. Foi sempre repressiva e é evidente que, à medida que a direita vai ganhando força eles vão ampliando a sua própria repressão. É evidente também que, se os trabalhadores a curto prazo, não derem uma resposta (e uma resposta conveniente), a repressão deles aumenta, é progressiva.



OS EXERCÍCIOS MILITARES E O EQUILÍBRIO ECOLÓGICO

Da Liga para a Protecção da Natureza recebemos o seguinte comunicado: «Aviões militares sobrevoam a baixa altitude o Parque Nacional da Peneda-Geres

Nos passados dias 24 a 28 de Abril aviões militares fizeram voos a baixa altitude sobre o Parque Nacional da Peneda-Geres, com desrespeito pelas leis internacionais em vigor.

Ora sendo o Parque Nacional um santuário onde a vida deve ser conservada nas condições mais próximas das naturais, estes voos rasantes vem perturbar o equilíbrio ecológico e prejudicar profundamente os objectivos que levaram à criação do próprio Parque.

Mesmo que existam gravíssimas razões de ordem militar e de segurança para estes voos rasantes, eles não devem ser ordenados pelo Estado Maior da Força Aérea que só assim agirá de acordo com os compromissos internacionalmente assumidos e dará exemplo da perfeita compreensão do que representa para o nosso país e para o Mundo a existência de um Parque Nacional.

A Liga para a Protecção da Natureza já dirigiu ofícios para as entidades oficiais mais directamente ligadas ao assunto, esperando veemente que tais actos se não repitam.»

E AGORA?

O PROLETARIADO
NA HORA
DAS GRANDES ESCOLHAS

EDIÇÕES REVOLUÇÃO/ABRIL DE 1976

IRLANDA DO NORTE

Colonialismo de parlamento e coroa

A Ordem de Orange foi fundada em 1795 como uma sociedade secreta que visava manter a união com a Inglaterra e a supremacia do protestantismo sobre os católicos.

Durante anos, ser membro da Ordem de Orange significou ter prioridade na escola no emprego e na obtenção de casa. Numa área com desemprego massivo, isso traduzia-se com frequência na diferença entre ter trabalho ou ser forçado a emigrar.

Daí que grande número de trabalhadores protestantes se tenham inscrito nesta organização, (que, claro não era aberta aos católicos), embora ela fosse dirigida pelos patrões para quem trabalhavam. Ainda hoje em dia, há muito poucos católicos empregados nos estaleiros de Harland e Wolffs, e em muitas fábricas como Mackie e Sirocco.

São muitos os trabalhadores protestantes que se opõem a qualquer mudança da situação e que estão prontos a filiar-se em organizações associadas da Ordem de Orange. É o caso da Associação para a defesa do Ulster (UDA), que tem como objectivo resistir pela força das armas à integração na Irlanda do Norte numa Irlanda unificada, que não facultaria os mesmos privilégios à população protestante.

DIVIDIR PARA REINAR

Os ingleses têm deliberadamente ajudado a Ordem de Orange a manter o domínio protestante na Irlanda do Norte. Depois da Guerra da Independência que terminou em 1921, e com

a consequente criação de um estado independente no Sul, a ascendência protestante passou a significar para os ingleses, que eram benvindos no norte.

Desde o século XVII que os ingleses têm encorajado a divisão da classe operária irlandesa com base na animosidade religiosa já existente, cuidadosamente agravada pelas divisões económicas. Esta tática do imperialismo inglês foi usada primeiro na Irlanda e, mais tarde, em todos os países submetidos à sua dominação — ficou conhecida como: dividir para reinar.

Não foi esta a única vez que a Irlanda foi usada como campo de experiência para ideias a por em prática pelo capitalismo internacional noutros locais. Muitos dos métodos de controlo de manifestantes utilizados em Espanha resultam da tecnologia da repressão das populações urbanas desenvolvida durante a guerra na Irlanda.

O APARELHO REPRESSIVO O EXÉRCITO BRITÂNICO

Trata-se de um exército de soldados profissionais que, através do seu envolvimento durante 6 anos na luta contra a guerrilha urbana na Irlanda do Norte, ganhou grande experiência e desenvolveu um novo equipamento técnico para controlo e repressão de confrontações provocadas por civis.

Inicialmente, os soldados foram bem recebidos pela população católica que, em 1969, viu neles uma barreira que a defendia dos ataques dos Orangistas e dos B-Especiais (uma



Irlanda: da repressão militarista à alegria libertadora das crianças Irlandesas

secção da Polícia posteriormente desmantelada). Mas as relações entre os nacionalistas e o exército deterioraram-se rapidamente. À medida que passavam os anos os católicos convenceram-se de que o exército inglês, longe de ser «uma força neutra disposta a manter a paz», agia dum modo sectário, agravando o conflito em vez de o resolver, e recorrendo com frequência à repressão brutal e à tortura.

Para o soldado inglês médio, a situação não pode deixar de parecer confusa. Depois de algum tempo de serviço, pode ser usado para impôr «a lei e a ordem» às populações das ex-colónias. Era-lhe mais fácil aceitar esta situação: tinham uma cor de pele diferente e falavam outra língua. Mas, na Irlanda do Norte, separada da Grã-Bretanha por apenas 50 milhas de mar, a população é branca e fala inglês. Pior ainda, há muitas pessoas da terra — protestantes e católicos — no exército inglês. Os que foram recrutados recentemente, em resultado de desemprego crescente na Irlanda, não tiveram aquela experiência; foram mandados à pressa para o Norte, a seguir a um período curto de instrução e reagem como é de esperar de recrutas inexperientes e assustados — reprimem com maior violência. Além de serem uns instrumentos da política repressiva inglesa, são as cobaias de experiências cujo significado se estende da Inglaterra à Europa. O Estado inglês está a experimentar técnicas de controlo da multidão — diversos tipos de gases lacrimogêneos, balas de borracha, tortura,

etc. — e os resultados são facultados aos Governos e Exército de todo o mundo capitalista. A extrema-direita inglesa tem considerado a hipótese de as usar na eventualidade de «perturbações da ordem» na Inglaterra e vê no Exército um instrumento de imposição de medidas políticas anti-operárias.

PRISÕES E TORTURA

Além das diversas técnicas usadas contra a multidão que, acima de tudo visam aterrorizar a população, a outra tática de intimidação consiste nas prisões indiscriminadas sem culpa formada, por períodos que variam entre algumas semanas e quatro ou cinco anos. Oficialmente, esta prática deveria ter acabado no princípio de 1976, mas a verdade é que continua. O «internamento» é acompanhado de interrogatórios e, aqui, os ingleses desenvolveram um tipo de tortura tão requintado que é apresentado ao mundo como se se tratasse dum interrogatório normal.

Muitas das pessoas que passaram por essa ansiedade, que sofreram «privações dos sentidos», as dores e a despersonalização ocasionadas por esses interrogatórios, não eram mais do que elementos conscientes da comunidade; transformaram-se então, alguns, em seres completamente destruídos, incapazes de atravessar uma rua sózinhos, ou nos novos recrutas do Exército Republicano Irlandês (IRA), a organização que, mais directamente tem combatido a opressão imperialista inglesa.

Carta de um ser humano a outro

por Eiblin
Derry, Agosto de 1974

És um rapaz,
De pé, nervoso, à esquina da nossa rua
com o dedo no gatilho dessa espingarda
Deram-ta, guarda
E disseram-te que somos terroristas
Que se devem destruir como vermes.
Não ves
Que não é nada disso.
Porque havíamos de querer matar-te?
Nós que conhecemos a angústia
O passado foi uma longa, morosa procissão de funerais, mártires...

Poderíamos nós desejar tal coisa
Também para o teu povo?
Deixa-nos apenas existir.
Deixa que o destino seja o nosso
E que sejamos nós a decidir
Aconteça o que acontecer.
Os seres humanos não devem viver dentro de arame farpado.
E para que serve existir apenas?
Deus sabe que não queremos odiar
Seja a quem for muito menos a ti.
Volta para junto dos teus, rapaz.
Eles devem estar preocupados
Sem saber onde estás.

Este poema foi escrito por uma rapariga de Derry e mostra bem a consciência que muitos irlandeses têm de que os soldados ingleses que combatem na Irlanda não são o seu verdadeiro inimigo, apesar das operações repressivas em que participam.

Tal como os movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas em relação aos portugueses, o povo da Irlanda sempre afirmou que a sua luta não é contra o povo da Inglaterra, mas contra a classe dominante e o governo deste país.

ARGENTINA

Desapareceram dois revolucionários

A ditadura militar fascista argentina continua a perseguir os revolucionários

Desta feita, são os camaradas Henriquez (Edgardo) e a brasileira Regina Marcondes que desapareceram no passado dia 8 de Abril

O primeiro destes camaradas é chileno e encarregado da resistência exterior do MIR, e encontrava-se há 4 anos na clandestinidade, na Argentina

Neste momento, nada se sabe acerca destes 2 revolucionários, admitindo-se que estejam mortos, presos ou que tenham sido expedidos para os seus países de origem (Brasil e Chile)

Revolução

Composição e impressão: **Renascença Gráfica**. Distribuição: **DIG** — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

EDITORIAL

O teste que foi o 1º de Maio em relação à unidade dos trabalhadores e dos revolucionários, serviu também de demonstração do que é possível ou não nessa matéria: A linha de divisão entre o Estádio 1º de Maio e o Terreiro do Paço, entre a manifestação dos partidos «oficiais» e a manifestação revolucionária, não é, decerto, sentida como um abismo pelos trabalhadores. A grande massa de um lado e de outro tem os mesmos problemas. nem tão pouco o abismo está entre as «festas» do Estádio 1º de Maio e as «festas» do Terreiro do Paço, pois que também entre os que se dizem revolucionários há os apreciadores de cantigas, que fizeram preceder a manifestação unitária duma festinha feita à medida das suas posses. A diferença entre as «festanças» dos pécêpistas e as «festinhas» maocistas está sempre apenas nas disponibilidades financeiras e de aparelho partidário duns e doutros. Mas a tendência para desviar as atenções da luta principal é a mesma.

O abismo que existe entre o Terreiro do Paço e o Estádio 1º de Maio é entre aqueles que querem a unidade de tudo com todos (burguesia incluída) e aqueles que querem apenas a unidade dos trabalhadores. É entre aqueles que estão dispostos a fazer alianças com o diabo e aqueles que não as fazem. É entre os que apoiam Eanes e os que apoiam Otelo. Mas este abismo tem a ver com as direcções dos partidos e não com as suas bases.

Mas há mais mundos do que as direcções dos partidos e as suas manobras!

No entanto é ainda com os partidos que temos que contar neste período de corrida para as presidenciais. Tempo de adiamento para o golpe de direita, tempo de excelência para manobras partidárias. ... Pires Veloso foi o homem de choque que a direita usou para depois aparecer com a alternativa moderada, mais aceitável, Ramalho Eanes. Ramalho Eanes que pode reunir apoios desde a extrema direita ao PS. Morda mesmo o PC, na impossibilidade deste ter candidato próprio. Arranjar os apoios totais dos «nove» dos «GIS» etc. Com as devidas negociações prévias a respeito do futuro governo e da sua composição.

E tudo até estana muito bem, se não aparecesse Otelo... Otelo que é a candidatura de esquerda, a candidatura do Poder Popular, a candidatura do Copcon.

Daqui, que surjam duas candidaturas — a de Eanes, à direita e a de Otelo, à esquerda.

Perante esta polarização, que divide o país em dois, que divide as Forças Armadas ao meio, que pode fazer o reformismo, por vocação conciliador e promotor de alianças? Há que esperar desse lado as manobras necessárias para quem não quer ver as coisas claras entre a burguesia e o proletariado, entre os generais e os soldados, entre os explorados e os exploradores. Para quem tem sempre um meio termo.

Quanto a nós, as coisas também são claras — somos os que queremos dividir o país entre a burguesia e o proletariado, os que queremos dividir as Forças Armadas entre fascistas e anti-fascistas. Somos os que queremos o confronto de face erguida. Somos os que não esperamos, beatamente, pelo dia de nos tornarmos vítimas de uma direita enfurecida.

NOTÍCIAS

ARRANJOS MILITARES

Como tem vindo a lume nos jornais, a direita preocupa-se com o homem que substituirá Ramalho Eanes, se este fôr eleito Presidente da República e portanto deixar de ser chefe do Estado-Maior do Exército. Embora se ponha a hipótese de ele acumular os dois cargos, há no entanto hipóteses de «arranjos» militares discutidos diariamente. Estes arranjos são diferentes conforme são feitos pelas facções mais à direita ou mais «democrática». Esta última propõe nos últimos dias que se passe o seguinte: que Firmino Miguel passe para chefe do Estado-Maior do Exército. Charais seja vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e que Passos Ramos saia do Quartel de Vendas Novas para chefiar a Região Militar do Centro.

OS CANDIDATOS DO PS

Consta que a direcção do PS se encontra dividida a respeito dos candidatos à Presidência

da República. Essas divisões corresponderiam a outras tantas tendências no seio daquele partido. Começando por haver uma discussão entre os que propunham Eanes, Costa Brás e um civil (veja-se o artigo no último «Portugal Socialista» em que é proposto um civil), a direcção acabou por elaborar uma lista de candidatos aceitáveis pelo PS: Eanes, Pires Veloso, Silva Cardoso, Costa Brás, Almeida e Costa.

NOVAS SIGLAS PARA A DIREITA

O terrorismo inventa novas siglas. Depois do ELP, assistimos ao atentado bombista do MAP e à criação do RAI — Rede de Acção Interna —. O RAI foi constituído em Espanha a partir de elementos do MDLP e teria como objectivo principal o ataque a activistas estrangeiros, especialmente os cubanos. Teria neste momento como responsável o ten. coronel Simas, major Morais Jorge, e o capitão Sousa Saraiva, contando com elementos civis para contactos como é o caso do Jorge Moitinho.

NATO FORA DE PORTUGAL

Mais uma vez a NATO está em Portugal. E, isto sempre sucede, quando a situação política se agudiza.

Neste momento em que o poder se debate com mais uma crise, em que os resultados das eleições não foram tão favoráveis à direita como esta esperava, a NATO reaparece.

Apressam-se os comandantes da NATO a dar uma conferencia de imprensa para esclarecer as razões da sua estadia, e essas são aquelas que já se sabia — estão cá porque as manobras da NATO já estavam marcadas!...

Para os trabalhadores portugueses, as razões são outras e facilmente detectáveis. As manobras da NATO são uma forma de coagir a sua luta, sobretudo numa altura em que eles se mobilizam para apoiar um candidato revolucionário à presidencia.

As manobras da NATO, são sempre um aviso aos trabalhadores, daquilo que a burguesia é capaz, e esta não quer nem deixará de animo leve que os trabalhadores alcancem o poder.

Nem que tenha de recorrer à NATO. Mas os trabalhadores não se amedrontam e vão continuar a sua luta contra o capitalismo, contra o imperialismo, mesmo quando este exhibe a sua força poderosa — a NATO.



Navios da esquadra da NATO entram no Tejo no passado dia 4 de Maio. Esta é a presença da força militar de um pacto militar feito para defender o imperialismo e impedir a Revolução Socialista